

HUMAN BEES

"NA BOCA DO LOBO"

Sobre a tela preta, pequenas letras
brancas:

IMPEDIDO DE EXERCER A SUA
PROFISSÃO, O PROFESSOR
JAN ROSCINSKI RETIROU-SE PARA
UMA PEQUENA CIDADE DO LITORAL.

João Fustany Jr. —
São Paulo 1976

1. INT. NOITE QUARTO DE PENHA

. Quarto pequeno, humilde. Decoração típica de adolescentes: posters tirados de revistas pendurados nas paredes, fotos, recortes de jornal. A luz do abajur está acesa. Na penumbra, vê-se Penha que dorme com uma revista de fotonovelas aberta na mão. No silêncio do quarto só se ouve a sua respiração suave. E passos cuidadosos que se aproximam. Um vulto de homem, grande e corpulento entra em campo de costas para a câmera e para, observando a jovem. Depois de um instante, avança pé ante pé até a cama.

. Close do rosto de Penha, dormindo. A câmera desce por seu corpo, pela abertura da camisola que mostra os seios jovens. A mão do homem entra em campo. Penha se mexe, a mão se detém. Penha se acomoda, dorme. A mão vai para o seio dela, mas para novamente e examina com a ponta dos dedos uma estrelinha prateada que ela tem pendurada de uma corrente no pescoço. Ele revira a estrelinha nos dedos, depois agarra com a mão inteira e com um puxão brusco arrebenta a corrente. Penha desperta de um susto, vira a cabeça, os olhos arregalados. Ela vai gritar, mas a mão do homem cobre a sua boca e abafa o grito. A câmera recua rapidamente para enquadrar todo o quarto. Ao lado da cama, o vulto misterioso do homem domina Penha. Ela luta, espertinha, mas ele a segura pelo pescoço e começa a apertar. Ela luta um pouco mais, aos poucos para. O homem rasga a camisola, coloca-se sobre ela e a possui, rápida e brutalmente, com movimentos violentos.

ESCURECIMENTO

2. INT DIA HOSPITAL

. Muito pálida, duas grandes marcas roxas no pescoço, Penha está em estado de choque no leito do hospital. A câmera recua de seu rosto até os pés da cama, vê-se o vidro de soro e a borracha que vai até seu braço. Aos pés da cama, Das Dor olha para Penha, parada, imóvel, o olhar fixo. A câmera continua a recuar, agora pelo corredor formado pelas duas alas de camas da enfermaria. Das Dor faz o sinal da cruz e caminha pelo corredor, de frente para a câmera que continua o travelling para trás.

3. INT DIA HOSPITAL

. Corredor do hospital, uma porta de vidro com o letreiro ENFERMARIA. Dois homens estão encostados à parede, conversando em voz baixa, fumando. A porta se abre, Das Dor sai. Os dois homens se voltam, vão até ela. Um deles fala:

DELEGADO: Das Dor, este moço é o investigador que veio da capital. Ele quer falar com você.

. Das Dor não responde, sem piscar os olhos duros ela olha para o outro homem.

. O investigador estende a mão.

INVESTIGADOR: Almeida.

Das Dor aperta sua mão, rapidamente, tímida e seca.

DAS DOR: Maria das Dores Souza, sua criada.

INVESTIGADOR: A senhora é irmã da mocinha?

Das Dor faz que sim com a cabeça e nada diz.

INVESTIGADOR: A senhora esteve com ela no dia que ela foi atacada?

DAS DOR: Moço, eu já fiz depoimento. O que o senhor quiser saber, o senhor pergunta aí pro doutor delegado.

Vira as costas e caminha rapidamente pelo corredor. O delegado sai atrás dela.

DELEGADO: Das Dor, o Almeida precisa saber os detalhes. É só você que pode informar. É pro bem da Penha.

Das Dor para, olha para o delegado, pensa um instante. O investigador entra em campo, ela olha para ele.

. Estão no fim do corredor, numa espécie de sala de espera improvisada. Das Dor se senta em um dos bancos de madeira. Os dois se sentam também um de cada lado dela. O investigador pigarreja.

INVESTIGADOR: A senhora esteve com a Penha no dia que ela foi atacada?

DAS DOR: Ela passou no meu serviço. Passava lá todo dia quando saía do trabalho.

INVESTIGADOR: Que trabalho?

DAS DOR: Ela trabalhava de telefonista.

INVESTIGADOR: Ela estava sozinha?

DAS DOR: Sim, senhor.

INVESTIGADOR: Ela tinha namorado, Dona Maria?

Das Dor olha para ele e baixa os olhos.

DAS DOR: Tinha, sim senhor.

INVESTIGADOR: Você sabe quem é o moço?

Das Dor olha-o de frente, um pouco irritada.

DAS DOR: Todo mundo sabe. Mas não foi ele, não, se o senhor quer saber.

INVESTIGADOR: Você sabe quem foi?

DAS DOR: Não. Eu só sei que não foi ele. O Paulinho é moço bom. Tinha intenção de casamento. E a Penha era moça direita. Tinha gente que falava mal

dela, mas ela era moça direita, era.

INVESTIGADOR: Era não, dona Maria. É. Ela não morreu.

Das Dor se atrapalha, baixa os olhos, enrola a alça da sacola entre os dedos e diz entredentes, baixo:

DAS DOR: Pois era melhor que tivesse morrido como as outras.

. O investigador lança um olhar ao delegado.

INVESTIGADOR: A senhora conhecia as outras moças?

DAS DOR: Só a Soninha que era minha afilhada. As outras duas eu só conhecia de vista.

INVESTIGADOR: A senhora esteve com alguma delas no dia em que elas foram mortas?

DAS DOR: A Soninha foi me pedir a bênção uns dois ou três dias antes. As outras eu já disse...

Ela percebe, de repente, o jogo do investigador. Levanta a cabeça, põe-se de pé, irritada:

DAS DOR: Porque é que o senhor tá perguntando isso?

. Delegado e investigador se põem de pé também. O delegado:

DELEGADO: Não é nada não, Das Dor. A cidade aqui é pequena, a gente tá sempre encontrando todo mundo, sabe como é.

. Não convencida, Das Dor olha de um para outro.

DAS DOR: Posso ir agora?

DELEGADO: Pode. Se a gente precisar de você manda chamar. O médico acha que a Penha vai melhorar.

. Das Dor lança um olhar de relance para o investigador e se afasta com passos rápidos pelo corredor.

4. INT DIA AÇOUQUE

. Duas mulheres ao balcão. Indicam peças de carne dependuradas dos ganchos. O açougueiro de bigodes apanha os pedaços e corta-os sobre o cepo.

MULHER 1: Que horror! Não se pode nem sair na rua mais. Isso aqui tá que é uma verdadeira Chicago.

MULHER 2: Ainda bem que a coitadinha não morreu, né?

MULHER 1: Ah, não sei o que é pior, não, viu? Já pensou? Se ela sara, o que que o povo não vai falar dela depois? A senhora sabe o que que o lobisomem faz... antes de matar, né...

MULHER 2: Judição. Tão mocinha com a vida estragada...

MULHER 1: Mas ali, não sei não. Ela andava de namoro com o filho da dona Cota, costureira.

MULHER 2: O Paulinho...

MULHER 1: Esse daí. E aquela irmã dela...

MULHER 2: A Das Dor.

MULHER 1: Essa. Onde já se viu largar o pai morando sozinho com a menina...

MULHER 2: A Penha.

MULHER 1: ... pra ela poder se enfiar lá na casa do doutor.

MULHER 2: Doutor Jan...

MULHER 1: Esse mesmo. Homem esquisito tá ali. Que tão, macambúzio, enfiado naquela casa velha, caçando os pedaço. Ó, eu não passo nem na porta. Sabe-se lá o que que acontece naquela casa.

. Das Dor surge na porta do açougue e vai direto ao balcão. As mulheres se acotovelam indicando-a.

MULHERES: 'm dia.

DAS DOR: Bom dia.

Das Dor olha as carnes no balcão, indiferente às duas.
A mulher 1 se aproxima.

MULHER 1: A Penha tá melhor, Das Dor?

DAS DOR: Tá boa, brigada.

MULHER 1: Coitadinha, né? O Paulinho deve ter ficado muito...

DAS DOR: O Paulinho vai voltar pra São Paulo.

MULHER 1: Ah. Seu pai foi pra casa da Cida, né?

DAS DOR: É. Seu Alfredo, me pese um quilo desse alcatre.

As mulheres se entreolham.

MULHER 1: Bom, eu já vou indo. Té logo, seu Alfredo.

Té logo Das Dor, estimo as melhora.

Das Dor se volta e acena com a cabeça, brevemente. As mulheres saem.

5. EXT DIA CASA DE JAN

. Uma grande casa mal cuidada, cercada por grande jardim com muita folhagem. Das Dor abre o portão e entra. Atravessa o jardim e entra pela porta da cozinha.

6. INT DIA COZINHA

. Das Dor entra com a sacola cheia de compras, empurra a porta com o pé. Atira a sacola sobre a mesa. Apanha o avental que está dependurado da parede, e sai de campo colocando-o pela cabeça.

7. INT DIA SAIA

. Das Dor sai da porta da cozinha amarrando o avental. Um grande cachorro vai ao seu encontro, é Jipe, o cão da casa. Ela não lhe dá atenção e caminha pela sala, familiar, automática. O cachorro corre e brinca à sua volta. Das Dor abre as janelas, na passagem pega um copo e dois cinzeiros sobre um móvel e entra no corredor.

8. INT DIA ESTÚDIO DE JAN

. Na penumbra do estúdio a porta se abre. Das Dor entra, prática e decidida, coloca os cinzeiros e o copo sobre a mesa, abre a janela, se volta e estaca, olhando.

. Em frente a ela, o sofá encostado à parede. Sobre ele, na luz da manhã que entra pela janela, Jan está dormindo. O cachorro sobe ao sofá e lambe-lhe o rosto. Jan desperta, afasta o cão e se volta.

. Cabelos despenteados, barba por fazer, a cara amassada de sono, o professor Jan Roscinski aperta os olhos e olha para Das Dor.

. Das Dor apanha os cinzeiros e os copos de cima da mesa.

DAS DOR: Bom dia, seu Jan.

. Jan se senta, sonolento, bocejando.

JAN: Bom dia, que horas são?

. Das Dor caminha para a porta.

DAS DOR: Nove horas. O senhor vai tomar café agora?

. Jan está de pé, esticando o corpo, bocejando. O cachorro inquieto a seus pés.

JAN: Vou tomar banho primeiro...

. Das Dor sai. Jan sai em seguida, acompanhado de Jipe.

9. INT DIA BANHEIRO

. O espelho: sôbre a pia. Jan entra em campo já mais desperto, examina o rosto, passa a mão pela barba. É um homem de cerca de quarenta e cinco anos, vigoroso, mas triste, acabado. Ele se examina um instante e sai de campo. Pelo espelho vê-se o banheiro todo. Jan caminha até o box, despe as roupas e entra no banho. Jipe, o cachorro, fica deitado no chão, alerta, esperando.

10. INT DIA COZINHA

. Das Dor lava os cinzeiros, encostada à pia da cozinha. A porta se abre e Jan entra, acompanhado de Jipe. Imediatamente ela para de lavar, enxuga as mãos no avental, enquanto Jan atravessa a cozinha em direção à mesa.

. Jan se senta à mesa arrumada para o café, abre o jornal, que folheia distraído. Das Dor entra em campo e serve o café na xícara. Sai de campo novamente. Jan, sem tirar os olhos do jornal, toma o café.

. Do outro lado da cozinha Das Dor encostada à pia observa, silenciosa.

. Jan come um pedaço de pão e toma café, lendo.

. Das Dor observa.

. Jan toma outro gole. Levanta os olhos do jornal.

. Das Dor baixa os olhos, mas não muda de posição.

. Jan volta a ler.

. Das Dor observa calada.

. Jan não levanta os olhos do jornal mas fala.

JAN: Como é que vai a tua irmã?

. Das Dor

DAS DOR: Sarou dos ferimento mas ainda não acordou do choque.

. Jan lê e come

JAN: Han... O médico acha que ela acorda?

. Das Dor

DAS DOR: Acha sim senhor. Ela acorda e identifica o criminoso.

. Jan

JAN: Hum. Ela é a única testemunha, não é?

. Das Dor

DAS DOR: É, sim senhor. A polícia não tem pista, mandou buscar um moço novo da capital pra investigar o caso. Investigador Almeida, ele chama. Tava lá no hospital hoje de manhã. Ficou me interrogando, acho que ele pensa que eu que sou o monstro.

. Jan ri, sem desviar a atenção do jornal.

JAN: Interrogando o que?

. Das Dor nunca desvia os olhos dele, prossegue.

DAS DOR: Queria saber se eu conhecia também as outra mocinha que o monstro matou.

Longa pausa, sempre observando Jan.

DAS DOR: Tão falando que é lobisomem.

. Jan levanta os olhos do jornal, perplexo e divertido.

JAN: Que bobagem, Das Dor.

. Das Dor

DAS DOR: Tá aí no jornal. Diz que tem até gente que viu de longe.

. Jan não tem tempo para bobagens, fecha o jornal, levanta-se e sai para o jardim, acompanhado do cachorro.

. Das Dor fica encostada à pia olhando na direção por onde ele saiu.

11. EXT DIA FUNDOS DA CASA

. Caixas de madeira se alinham em três filas. São colmeias de criação de abelhas. Curvado sobre uma das caixas Jan vestido com macacão branco, muito sujo, chapéu protetor com tela sobre o rosto, supervisiona o trabalho de outro homem, vestido da mesma forma. Ele não fala, apenas gesticula, nervoso, mandão e arrogante com as luvas grossas. O outro homem é desajeitado e derruba uma tela de favos. Jan agarra o favo rapidamente provocando uma revoadada de abelhas. Com gesto brusco, ele afasta o homem e faz o trabalho de reposição em seu lugar. Caminha com passos nervosos, o outro o segue.

. Uma pequena construção aos fundos da casa com um tanque de lavar roupas. Jan e o outro chegam, retiram chapéus e luvas. O outro é Tobias, imenso, muito feio, uma figura monstruosa. A expressão vazia, de débil mental. Jan fala com ele por meio de gestos. Está impaciente, irritado com o outro. O outro, dócil e idiota, surdo-mudo, olha os gestos e responde. Jan termina de despir o macacão, Tobias despe também, Jan embola os dois macacões e joga-os ao lado do tanque de lavar.

. Os macacões caem ao chão, formando um monte de roupa suja.

. Jan faz mais alguns gestos, afasta Tobias que sai de quadro. Jan assobia. Jipe chega correndo e os dois caminham para fora de quadro.

. Tobias, com gestos preguiçosos e lentos levanta uma foice do gramado e começa a ceifá-lo com gestos violentos. Das Dor surge na porta da cozinha e grita:

DAS DOR: Tobias, ô Tobias...

Ele não reage, ela vem em sua direção enxugando as mãos no avental, resmungando.

DAS DOR: Diabo de homem que não escuta. Tem de viver atrás dele que nem criancinha...

Ela para ao lado dele e faz-lhe sinais para ir comer na cozinha; apoiado na foice ele ouve e sorri, namorador.

Uma voz chama:

CARTEIRO (off): Das Dor, ô Das Dor.

Ela se volta.

. Por sôbre o muro, a cabeça do carteiro, segurando um envelope na mão. Das Dor entra em campo e para diante dele.

CARTEIRO: Telegrama pro dr. Jan.

Ela apanha o recibo e assina sôbre o muro. O carteiro observa.

CARTEIRO: É do estrangeiro.

Ela devolve o recibo, apanha o telegrama.

DAS DOR: Isso não é nada da tua conta.

Ela sai de campo, o carteiro sorri, olhando-a afastar-se e vai embora.

12. INT DIA COZINHA

. Das Dor entra em campo e para, ao lado da pia, encosta-se, o olhar curioso, gira o telegrama entre os dedos, espiando contra a luz. O rosto sério, pensando. Guarda o telegrama no bolso do avental, volta-se e se assusta, sobressaltada.

. Diante dela está Tobias, imenso, assustador, rindo idiotamente, ele estende para ela um pedaço de favo de mel, cheio de abelhas que voam em tórno. Das Dor recua assustada, com medo dos insetos.

DAS DOR: Cuidado aí! Olha, esses bichos picam a gente, cuidado Tobias, tira isso daqui...

. Tobias desmonta o sorriso, não entende a reação dela, olha para o favo e de volta para ela.

. Assustada Das Dor olha com o rosto contraído, mantendo o corpo afastado.

. Decepcionado, Tobias grunhe, volta a sorrir compreendendo. Apóia o favo na ponta da mesa.

. Close de suas mãos: com os dedos grosseiros, enormes, ele amassa as abelhas, cruelmente. Panorâmica sempre em close para seu rosto: ele mata os insetos com gosto, saboreando cada mortezinha.

. Das Dor observa atento, registra o prazer que ele sente em matar os animais. Está chocada, se esquece do medo e do susto, olhando fixamente para a cara dele.

. Tobias termina a matança, limpa os últimos bichos ainda grudados na mão, esfregando-a na roupa. Ri para Das Dor e estende-lhe o favo. Sem tirar os olhos amedrontados da cara dele, ela estende a mão e aceita o presente.

. Tobias ri contente, faz dois ou três gestos com as mãos e sai da cozinha, deixando Das Dor parada, imóvel, perplexa, com o favo pingando mel na mão.

13. EXT DIA PRAIA

. Jan caminha lentamente pela praia, passa por um grupo de pescadores que o cumprimenta com familiaridade, tirando os chapéus. Ele responde mas não se detém. Jipe corre e salta, pedindo brincadeiras, mas Jan caminha alheio ao que o rodeia, imerso na tristeza profunda e pesada com a qual já está acostumado. À medida que ele

se afasta da câmara torna-se uma figura pequena e solitária na grande praia vazia.

14. INT DIA ESTÚDIO DE JAN

. As mãos de Das Dor, com gestos práticos e rápidos, tira o pó da mesa de trabalho de Jan. Em segundo plano, no bolso do avental dela pode-se ver a beirada do telegrama. Suas mãos param de trabalhar, o gesto suspenso, hesita. Tira do bolso o telegrama, pouso-o sobre a mesa, encostado a uma pilha de livros. Sai de campo.

15. INT DIA ESTÚDIO DE JAN

. A porta se abre. Jan entra, caminha até sua mesa de trabalho. Apanha algumas folhas, examina anotações, curva-se para procurar outras. Percebe o telegrama, seu rosto se preocupa.

. Com dedos nervosos, rasga o envelope, abre, lê. A câmera sobe para seu rosto, sempre em close. À medida que lê sua expressão se transforma, ele quase sorri. Mas a nostalgia e a tristeza são maiores. Seu olhar se turva novamente como se memórias tristes o dominassem. Ele baixa a cabeça para o telegrama, dobra-o entre os dedos. Atira-o sobre a mesa. Apanha de novo as folhas de anotações e caminha até a outra mesa. Senta-se, abre um livro grande, na página marcada com o lápis, marca uma linha. Anota nas folhas ao lado, estende o braço para apanhar outro livro. Abre-o, lê. A câmera se aproxima de seu rosto novamente. Passa-se um tempo e ele não consegue se concentrar.

. Respira fundo, encosta-se na cadeira, brinca com o lápis entre os dedos. Levanta a cabeça e olha em torno, levanta-se, caminha até uma das estantes.

. Numa das prateleiras da estante uma foto, entre outras, encostada aos livros. Jan entra em campo, em close, aproxima a mão da foto, poussa-a sobre a prateleira e não a toca. A câmera aproxima-se ainda mais da foto: Jan e Isabel, numa pose descontraída, em roupas de banho, no jardim da casa, rindo, divertidos. Sempre em close, a câmera faz uma panorâmica até o rosto dele. Ele passa a mão pela boca, desvia os olhos, caminha pelo estúdio, a câmera o segue em close.

16. INT NOITE SALA

Jan termina de tomar o cafezinho diante do jantar recém terminado. Das Dor aproxima-se da mesa com uma bandeja, retira os pratos.

JAN: Das Dor, a Isabel vai chegar amanhã ou depois.
 . Das Dor tem uma reação quase imperceptível, mas disfarça e continua tirando a mesa.

JAN (off): Arrume o quarto grande.

Das Dor olha-o, surpresa.

. Jan levanta os olhos para ela, registra a surpresa.

JAN: O quarto grande mesmo. Ela vem acompanhada.
 . Das Dor baixa os olhos e termina de tirar a mesa.

DAS DOR: Sim senhor.

Jan se levanta e afasta-se da mesa. Das Dor acompanha-o com os olhos, faz um gesto de admiração com a boca e retira-se com a bandeja.

. Uma poltrona confortável em outro ponto da sala. Jan entra em campo e senta-se. Jipe levanta a cabeça para

olhar o dono e volta a deitá-la sobre as patas.

Jan abre um livro e começa a ler.

. Das Dor entra novamente na cozinha, retira o resto dos utensílios de mesa, olha novamente para onde está Jan, retira-se, fecha a porta.

. Largado sobre a poltrona Jan lê. Mas está desassossegado, agitado. Levanta-se, caminha até um móvel, apanha os cigarros, acende um. Coça a cabeça, parado no meio da sala, volta à poltrona, senta-se. Apanha o livro aberto, olha-o distraído, fecha-o, atira-o sobre um móvel. Olha em volta, entediado, sem nada que fazer. levanta-se, caminha até a televisão, acende, volta a sentar-se.

. A tela da TV: cena do filme "A Fera de Londres" em que o lobisomem vagueia por uma rua cheia de fog e para diante da jaula de um lobo.

. Sentado à poltrona Jan assiste, quase atento, as mãos cruzadas no peito. A câmera recua lentamente até revelar toda a sala na qual a sua figura é a própria imagem da solidão e abandono, apesar do cachorro deitado a seus pés.

. A tela da TV: fora do ar, chiando.

. De roupão, Das Dor entra em campo, desliga o botão. Volta-se lentamente, olha para Jan.

. Jan dormindo na poltrona.

. Das Dor avança até ele, sacode-o ligeiramente pelo braço.

DAS DOR: Seu Jan, seu Jan. Melhor dormir na cama. Ele desperta sobressaltado, senta, levanta-se, estica o corpo.

DAS DOR: Precisa de mais alguma coisa?

JAN: Han? Não, não, Das Dor. Pode ir dormir.

Ela se volta para sair. Jan chama.

JAN: Das Dor,

. Das Dor se vira. No fundo do olhar há uma ligeira suspensão.

JAN: Leve o Jipe para fora. Boa noite.

. Das Dor agarra a coleira do cachorro e se retira.

DAS DOR: Boa noite.

Jan caminha para o corredor e desaparece.

17. INT NOITE CORREDOR

. Jan caminha sonolento, entra em seu quarto. Um instante depois sai com passo lento, chega até a porta vizinha e fica olhando um instante. Apóia o corpo ao batente, coloca a mão, pensativo, no trinco da porta, abre-a.

18. INT NOITE QUARTO

. A porta que abre projeta um retângulo de luz sobre o quarto e a cama. O colchão nu, sem lençóis, nem travesseiros, o tapete enrolado a um canto, móveis extra amontoados. Jan entra em passos lentos, para ao lado da cama, olha-a, deixa-se cair sentado à beirada. A câmara se aproxima dele: nostálgico, extremamente solitário. Deita-se para trás, saindo de campo.

. O teto sobre a cama: listinha da luz que se filtra pela veneziana formam um padrão sobre o estuque.

. Deitado no colchão nu, Jan perde o olhar, através do teto, do tempo.

. O teto: as listinhas de luz começam a girar. Lenta fusão para:

19. EXT DIA BOSQUE

. O sol se filtra através das folhas das árvores, girando lentamente em torno de um eixo central. A voz de Jan canta uma canção infantil polonesa.

JAN (off): Wlas pirotek, na pirotek,

I mruga.

Łodna to piosanka

Nie dżuga

. Jan, menino de seus dez anos, gira de braços abertos no meio do bosque, a cabeça curvada para trás, olhando as copas das árvores. A voz de Jan vai desaparecendo, fundindo-se com a voz infantil do menino que gira e canta.

MENINO: Nie dżuga, nie krutka

Wsam ras

Day busi, koteczku,

Jesze ras.

VOZ (off): Psiu, psiu.

O menino para de virar e olha em torno procurando quem o chama.

. O bosque vazio.

VOZ (off): Psiu, psiu.

. O menino se volta.

. Outro lado do bosque, vazio.

VOZ (off): Psiu, psiu.

. O menino, cada vez mais amedrontado se volta cautelosamente. E vê.

. Entre as árvores, uma velha muito, muito velha, vestida de andrajos, o chama com gesto de mão, repetindo os "psiu, psiu". Ela segura pela corrente um grande cão preto.

- . O menino olha fascinado. Como que hipnotizado, ele começa a caminhar na direção da velha.
- . A velha se volta e começa a caminhar para o interior do bosque. O menino entra em campo e segue atrás dela.
- . Jan menino caminha atrás da velha.
- . A velha que caminha à frente. Ela volta o rosto e um pouco e olha o menino por cima do ombro.
- . Jan adulto caminha pelo bosque, seguindo a velha.
- . A velha caminha à frente. Olha brevemente para trás, por cima do ombro, mas, apesar da roupa e do porte igual, já não é velha. É Isabel.
- . Jan estaca, perplexo por um segundo e avança até ela, correndo.
- . A velha de costas, Jan chega até ela, toca-lhe o ombro para detê-la, mas ela cai ao chão. O cachorro começa a latir furiosamente para Jan, arreganhando os dentes. Jan olha para o chão.
- . No chão, dentro das roupas da velha, um cadáver semi-putrefato, olhos sem pálpebras, boca sem lábios, dentes à mostra, restos de carne grudados ao esqueleto. E pela abertura do vestido, as duas pernas da caveira, vestidas com meias de nylon e cinta liga.

20. INT NOITE QUARTO

- . Jan se senta bruscamente na cama, cobrindo o rosto com as mãos, escorrendo suor, a respiração agitada como de quem se afoga no mar, à beira de um choro infantil. Ele solta um pequeno grito surdo e põe-se de pé.
- . De pé, ao lado da cama ele passa a mão pelos cabelos, agita a cabeça para afastar as imagens do sonho e caminha

para fora, limpando o suor do rosto na beira da camisa. Fecha a porta, mergulhando tudo no escuro.

21. EXT DIA PRAIA

. Dentro do carro a câmera corre em alta velocidade pela praia. No espelhinho retrovisor pode-se ver o reflexo dos olhos da mulher que dirige. A figura solitária de Jan acompanhado do cachorro surge ao longe. A marcha do motor muda, mas o carro continua correndo, aproximando-se cada vez mais. Já bem próximo, Jan para de caminhar e se volta para olhar. Jipe vem correndo de longe em direção ao carro, latindo. O carro para. O reflexo desaparece do espelhinho, ouve-se a porta que se abre, e Isabel surge um instante depois através do parabrisa, correndo para Jan com os braços abertos. Jan abre os braços e gira-a no ar.

. Ele a põe no chão. O cachorro salta em volta dela, fazendo festas. Jan e Isabel se beijam no rosto, de ambos os lados. Isabel é forçada a brincar e saudar o cachorro, agitado a seu lado, pedindo atenção, ela se abaixa e acaricia-o.

. Jan observa, o olhar doce, uma espécie de sorriso paralisado no rosto. Isabel se põe de pé diante dele, os dois se olham um instante em silêncio, sorrindo, evidenciando a profunda ligação que há entre os dois.

ISABEL: Como é que vai?

Jan desvia os olhos, retoma a caminhada, Isabel segue a seu lado, a câmera acompanha os dois.

JAN: Tudo bem. Sem novidades. E você? Está bonita...

ISABEL (ri): Não, não estou. Só estou seis anos mais velha.

JAN: Seis anos? Por que?

ISABEL (ri novamente, explica): Seis anos, Jan. Faz seis anos que a gente não se vê. Desde 68.

Jan entorta a boca para baixo, admirado, balança a cabeça.

JAN: É. Seis anos, já.

Isabel sorri meio incômoca, olhando para ele. Pendura-se em seu braço, continuam caminhando. Jan mergulha em pensamentos, subitamente, mas afasta-os com esforço.

JAN: Você veio direto pra cá?

ISABEL: Não. Fiquei dois dias no Rio. Revendo os amigos. Está todo mundo com saudades de você.

JAN: É. Faz tempo...

Caminham um instante em silêncio. Jipe late ao longe.

JAN: Você passou na casa?

ISABEL: Hum-hum. Das Dor me recebeu com a mesma cara de sempre. Parece que eu saí ontem...

Ambos riem, nostálgicos.

ISABEL: Ela cuida bem de você?

JAN: Como sempre. Cozinha, arruma a casa. Eu não sou de prestar muita atenção, você sabe...

ISABEL: Pois devia...

Jan não entende, surpreso olha para Isabel, mas ela olha à frente com um sorriso enigmático e corta o assunto.

ISABEL: Teu carro estava sem gasolina.

JAN: Faz muito tempo que eu não saio. Como é que você fez?

ISABEL: O Igor me ajudou.

JAN: Igor? Quem é?

ISABEL: O seu monstro criado, professor.

Jan entende e ri divertido.

JAN: Tobias.

ISABEL: Ele é muito esquisito, Jan!...

JAN: Não. Ele só é forte. Forte como um touro. E quase tão inteligente.

Isabel leva um momento a entender, depois ri muito. Jan olha para ela e ri também, satisfeito.

JAN: Você ficou com medo?

ISABEL: Não. A esposa de um cientista louco tem de se acostumar...

Sem deixar de sorrir Jan corta.

JAN: Ex-esposa...

Isabel para de rir, a situação se torna embaraçosa. Por algum estranho mecanismo, eles não param de caminhar, em silêncio. Finalmente Isabel reage, estaca.

ISABEL: Vamos para casa. Eu estou cansada e a gente tem muita coisa pra conversar.

Os dois dão meia volta e saem de campo.

Um instante depois Jipe passa correndo atrás deles.

22. INT NOITE SALA

. Sentada no sofá, Isabel estica o corpo elegante, relaxada. Jan em sua poltrona nada tem a ver com a figura solitária da véspera. Ambos têm copos de bebida nas mãos e conversam pausada e descontraidamente, pondo em dia os assuntos.

JAN: Pode ser uma grande descoberta e pode não ser nada.

ISABEL: E você tem jeito de testar?

JAN: Aqui não. Preciso de um laboratório.

Ele toma um gole, olha a bebida no copo.

JAN: Mas ainda é cedo pra pensar nisso. Agora estou fazendo a fundamentação teórica.

ISABEL: A parte mais demorada?...

JAN: É e não é:

ISABEL: Quanto tempo faz que você está trabalhando nesta tese?

JAN: Humm. uns... não sei... alguns meses.

Isabel se serve de mais bebida na mesa baixa em frente.

Pensativa ela olha para Jan, entorta a cabeça.

ISABEL: Você consegue mesmo trabalhar aqui neste fim de mundo?

• Jan respira fundo, levanta-se, caminha devagar até a janela.

JAN: Em princípio, este isolamento é muito bom para um trabalho científico.

• Isabel olha-o do sofá.

ISABEL: Em princípio...

• Jan olha para ela, caminha lentamente de volta à sua poltrona. Isabel o segue com o olhar.

ISABEL: Jan... você alguma vez pensou seriamente em sair do Brasil?

Ele se deixa cair pesadamente na poltrona, apanha o copo da mesa.

JAN: Já. Toda vez que recebo carta sua,

Ambos riem.

ISABEL: Porque fica com saudade ou por causa dos convites?

JAN: Boa pergunta.

Riém de novo.

ISABEL: Sério Jan, que tal seria trabalhar em Londres, por exemplo?

JAN: Não. A Inglaterra tem muito... fantasma.

Mais risos.

ISABEL: Desde quando você não dá nenhum curso no exterior?

JAN: Hum... 67.. não. 66. Na Universidade da Califórnia. A gente ainda estava casado.

ISABEL: Então. Você ainda dava aula aqui. Depois de 68 você não saiu mais. Por falta de convite é que não foi. Você se enfiou aqui neste buraco...

Jan corta a sua frase, mudando o rumo da conversa.

JAN: Você nunca gostou muito desta casa, não é?

Isabel se deixa cair para trás, recostá-se no sofá e olha em volta. O teto, as paredes.

ISABEL: Não sei. Eu acho que aqui é que tem muito fantasma. Eles riem brevemente, sorriem.

ISABEL: Quando a gente vinha passar férias era gostoso. Tinha sempre bastante gente, era sempre verão. Mas pra viver acho que não gosto. Não gosto, não.

JAN: Então foi por causa da casa que a gente se separou?

. Isabel ri de novo, serve-se de mais bebida.

ISABEL: Sabe que eu acho que foi mesmo, Jan. O teu passado é muito forte aqui. Nesta casa. O teu pai polonês, sempre com histórias da Floresta Negra. A mãe da Das Dor dando ordens em tudo. É. Aqui é que tem muito fantasma Jan... E são os teus fantasmas. Acho que eles não gostam muito de mim.

. Jan olha um longo tempo para ela, o sorriso fixo, terno, cheio de lembranças.

. Isabel se incomoda um pouco; mas sustenta o olhar um instante. Depois toma um gole, acomoda-se no sofá, abraça uma almofada, olha para Jan, também sorri.

. Jan olha um pouco mais. Resolve cortar o clima.

JAN: Por falar em fantasma, sabe que temos um lobisomem na cidade?

. Divertida Isabel se sobressalta, senta-se na beira do sofá.

ISABEL: Tobias!

Jan ri:

JAN: Não. Um tarado sexual que estrangula e violenta mulheres.

ISABEL: Estrangula primeiro e violenta depois ou violenta antes e ...

Jan ri e interrompe.

JAN: Não, não sei os detalhes. Mas o caso é muito sério. A Penha, irmã mais nova de Das Dor, lembra dela?

ISABEL: Hum...

JAN: Ela foi a última. Mas sobreviveu, ninguém sabe como. Está no hospital em estado de choque.

ISABEL: Verdade mesmo, Jan? Que horror! E ninguém sabe quem foi?

JAN: Nenhuma pista. A polícia está esperando a menina acordar pra ver se ela identifica o criminoso. Mas vai ser difícil, estava muito escuro.

ISABEL: Como é que você sabe?

JAN: De que?

ISABEL: Que estava muito escuro quando ela foi atacada?

Jan se perturba, atrapalha-se.

JAN: Não sei. Acho que li no jornal.

. Isabel boceja, quase bêbada.

ISABEL: Coitada da Das Dor. Preciso falar com ela amanhã.

Ela olha para Jan.

. Jan olha para ela em silêncio.

. Isabel se levanta.

ISABEL: Eu vou dormir. O Rupert chega amanhã de manhã e eu vou buscar ele na estação. Você quer ir?

. Jan desvia os olhos.

JAN: Não.

. Isabel ri, curva-se sobre ele e beija-o no rosto.

ISABEL: Bôbo ciumento. Você vai gostar dele. Posso levar o carro?

JAN: Se ele andar...

ISABEL: Anda sim, o teu monstro me ajuda.

Beija-o de novo, no rosto.

ISABEL: Boa noite.

JAN: Boa noite.

Ela sai de campo, Jan fica sentado, encosta a cabeça para trás e fica olhando o vazio, pensando, bebericando de seu copo. Lentamente a câmera se aproxima de seu rosto. Ele respira fundo, entediado e ligeiramente perturbado, solitário, toma um último gole, levanta-se e sai de campo.

23. INT/EXT NOITE QUARTO DE TOBIAS

. Um cubículo apartado do resto da casa, ao lado do tanque de lavar roupas; serve de depósito de ferramentas de jardim, aparelhagem científica em desuso, etc. Num canto, uma cama esqualida. Na parede borrada de umidade fotos miseráveis de mulheres nuas vulgares. Recostado na cama Tobias folheia uma revista de esporte. Boceja, coça a cabeça, levanta-se, vestido de cueca e meias, caminha até a porta.

. Sai do quarto, abre a torneira do tanque e bebe na mão em concha. Enxuga a boca com as costas da mão, boceja de novo, coçando o peito nu. Volta-se e olha para o jardim. A zoom recua rapidamente deixando-o lá longe à porta de seu quarto, olhando.

24. EXT NOITE JARDIM

. Numa parede lateral da casa um vitrô ainda aceso e aberto. A câmera se aproxima de uma das aberturas horizontais. É o quarto de Das Dor. Sentada na cama ela parece imersa em pensamentos, serzindo uma camisa de Jan.
. Ela termina o trabalho, parte a linha com os dentes, espeta a agulha numa cesta de costura que está ao lado, e arranja a camisa sobre a cama. Sua expressão se modifica, a câmera se aproxima rapidamente de seu rosto.
. A camisa arrumada, deitada sobre a cama de Das Dor. Sua mão, muito discreta e brevemente faz um carinho na abertura da camisa e se detém no interior.
. Das Dor olha, esgazeada, imersa em pensamentos profundos. Mas desperta.
. Embola a camisa com gestos rápidos e práticos, ajeita a alça da combinação, coloca a camisa na cesta, a cesta no chão e deita-se para dormir.

25. INT NOITE QUARTO DE JAN

. Ainda vestido, a camisa aberta no peito, Jan, recostado na cama olha vagamente em frente, pensando. Com gestos mecânicos ele brinca com um peso de papel de vidro. Leva o peso até os olhos, olha o quarto através do vidro.

. O quarto através do vidro: as paredes, os quadros, os móveis, tudo se transforma à medida que ele passeia o olhar pelas coisas.

. Ele baixa o pêso de papel, coloca-o sobre a mesa de cabeceira, levanta-se, despe a camisa. Olha para a porta, respira fundo, conflituado, pensando, passa as mãos pelo rosto, caminha pelo quarto.

. Jan caminha pelo quarto, lentamente, de um lado para outro. Por fim para e se volta.

. A porta fechada. Jan entra em campo, para diante da porta um instante, pensando. Leva a mão ao trinco, lentamente. Decide-se, abre a porta, hesita ainda um instante e sai para o corredor.

26. INT NOITE QUARTO GRANDE

. Isabel está deitada na penumbra do quarto, a luz filtrando-se pelas janelas entreabertas. Imóvel, ela não dorme, os olhos abertos fitando o escuro, pensando. A porta se abre com um pequeno rangido e a luz do corredor cai sobre seu rosto. Ela volta a cabeça para olhar.

. Na porta Jan olha para ela, recortado contra a luz do corredor. Está sem sapatos, sem camisa.

. Isabel se ergue um pouco da cama. Sorri como se já esperasse a sua vinda. Jan entra em campo andando lentamente, senta-se à beira da cama.

. Jan olha para Isabel.

. Isabel olha para Jan.

. Jan avança a mão lentamente até o rosto dela, ela coloca a mão sobre a dele. Ele aproxima o rosto e a beija nos lábios, suavemente. Se olham um breve instante.

Tornam a se beijar e começam a se excitar mais e mais. Jan estica o corpo e deita-se sobre ela. A câmara desvia lentamente dos dois, passa pela mesa de cabeceira, pelos quadros miúdos da parede, a cortina ao lado da janela, a veneziana quase fechada e por trás dela, através da fresta, o rosto de Tobias que observa a cena no escuro do jardim. Ele avança a mão e abre mais a janela, os olhos brilhantes de excitação, as narinas dilatadas.

. Na cama Jan e Isabel estão nus, se amando.

. Mas a expressão de Isabel subitamente se endurece, ela se desliga, vira o rosto, evita o beijo de Jan, subitamente alheia, passiva. Jan se movimenta ainda uma ou duas vezes. Percebe a quebra, para. Olha para Isabel um momento. Rola sobre o lado e fica deitado ao lado dela.

. Lado a lado, olhando o teto, os dois deixam passar um momento muito incômodo. Isabel cobre o seio com o lençol, alça o corpo, apanha o maço de cigarros na mesa de cabeceira. Está vazio, ela amassa e joga-o sobre a mesa. Apóia-se nos cotovelos, volta-se para Jan, arranja os cabelos, leva a mão docemente até o peito de Jan, aproximasse dele, mas ele continua olhando o teto.

ISABEL: Jan, eu não posso. Eu não quero. Olhe para mim.

. Ela puxa seu rosto com a mão, Jan a encara, os olhos muito tristes, frustrado, acabado, velho.

ISABEL: Você entende?

Jan a encara, frágil, quase infantil.

JAN: Eu preciso de você, Isabel.

Enternecida, emocionada, Isabel agrada-lhe o rosto.

ISABEL: Eu não sou a única mulher no mundo, Jan.

E, além disso eu estou apaixonada.

. A doçura de Isabel fere Jan. Ele volta a olhar o teto.

JAN: Porque é que você veio, Isabel?

. Isabel se choca com a pergunta rude e direta, mas não se importa.

ISABEL: Você precisa de gente. Um homem sem trabalho e sem amor vira um monstro.

Os dois se olham em silêncio um instante.

ISABEL: E desta casa, desta cidade cheia de fantasmas, de monstros e lobisomens você é o pior de todos.

Uma pausa, ela se levanta.

ISABEL: Vou pegar um cigarro, quer?

. Ela sai da cama, nua, desenvolta. Jan fica deitado, olhando para ela. Isabel dá dois passos e estaca, paralisada por um pressentimento. Volta a cabeça.

. A zoom fecha rapidamente na janela: Tobias olha por entre as venezianas, cúvido, sensual, excitado, encarrando-a.

. No meio do quarto Isabel nua, absolutamente indefesa, não grita. Lentamente, cobre o sexo e leva a outra mão ao pescoço, se protegendo, olhando fixamente a janela. Muito baixinho ela diz:

ISABEL: Jan...

. Ao lado da cama, Jan termina de vestir as calças, alheio, mas se volta, vê Isabel parada, olha para a janela, de onde Tobias olha para ela também paralisado, fascinado.

. Passa-se um segundo de paralisação geral até que Jan salta por cima da cama e corre para a janela. Tobias some no escuro. Jan grita:

JAN: Jipe, Jipe.

Latidos fortes imediatamente soam lá fora enquanto Jan salta pela janela.

. Isabel se recupera, corre para a cama, apanha um pegoir e veste enquanto caminha para a janela e olha para fora.

27. EXT NOITE JARDIM

. À luz clara do céu de verão o vulto imenso de Tobias luta com o cachorro. Jipe late e salta agarrando-se ao braço dele. Jan chega agitado também, agarra o cachorro pela coleira gritando ordens para ele. Assim que o cachorro o solta, Tobias sai correndo pelo gramado. Jipe se solta de Jan e corre atrás, latindo. Jan corre atrás deles.

. Tobias salta o muro e some no escuro da rua. Jipe salta logo em seguida, Jan chega ao muro e olha para fora gritando.

JAN: Jipe, Jipe. Já aqui, Jipe, quieto...

28. INT NOITE SALA

. A luz se acende. Das Dor avança da porta da cozinha amarrando o roupão. Isabel entra no corredor. As duas estacam quando se vêem.

ISABEL: Aquele homem, Das Dor. Estava me espionando na janela. Que susto.

Enquanto fala ela caminha até um móvel e serve-se de conhaque.

. Das Dor observa, imóvel, como se já tivesse previsto o que aconteceu.

DAS DOR: Tobias...

Isabel entra em campo e senta-se a uma das cadeiras da mesa, nervosa, passando a mão pelos cabelos.

DAS DOR: Seu Jan acordou?

ISABEL: Hum-hum. Saiu correndo atrás dele.

. Das Dor olha para ela como quem entendeu tudo.

. Incomodada de se sentir desnudada, Isabel baixa os olhos e toma mais um gole.

. Das Dor olha para ela e se dispõe a sair.

DAS DOR: A senhora já tá boa, eu vou deitar.

. Volta-se para sair. Ouvem-se latidos surdos e Jipe entra correndo na sala. Jan entra em seguida.

JAN: Das Dor, você sabe onde é que o Tobias morava?

DAS DOR: Na Ponte Velha, vizinho do seu Zico Funi-leiro.

JAN: Eu vou atrás dele. Prenda o cachorro aqui.

Tudo bem, Isabel?

ISABEL: Tudo bem. Você não acha melhor esperar até amanhã?

JAN: Não. O Jipe pegou o braço dele. Ele deve estar machucado.

. Ele se volta e caminha até a porta, fecha-a atrás de si. O cachorro corre para a porta, fareja o chão, arranha a madeira, grunhindo.

. Das Dor se volta do cachorro para Isabel que está sentada.

DAS DOR: Bom, eu vou deitar.

. Isabel olha para ela, pensando.

ISABEL: Das Dor, como é que está o Jan?

. Das Dor olha um instante em silêncio.

DAS DOR: Tá triste. Quando a senhora viajou a gente voltou pra cá, ele tava mais animado (pausa).

De vez em quando vinha uns moço lá da faculdade aqui ajudar ele, ficava uns dia, mexia com as abelha, botava aqueles aparelho (pausa).

Ele estudava, lia os livro, como sempre não é?

Até ia no clube às vèzes, (pausa).

Com o tempo os moço foram parando de vim. Ele foi desanimando.

Depois ficou triste. Às vez não dorme de noite, ficam andando pela casa. Às vez, assiste televisão até tarde. Só ele, mais o cachorro...

Ela para de falar e fica um longo tempo olhando o vazio, parada.

. Isabel percebe a ternura que ela tem por Jan, respeita e cala.

. Das Dor como que desperta, olha para Isabel.

DAS DOR: Eu acho muito bom a senhora estar de volta.

Ela tem ciumes mas é sincera.

. Isabel sorri, baixa os olhos para o copo que gira entre seus dedos.

ISABEL: Eu não vou ficar, Das Dor, Eu vim... para levar o Jan embora.

Sem olhar a empregada ela toma o último gole.

. Chocada, Das Dor olha muda para ela.

. Isabel levanta os olhos e encara a outra. Depois de um tempo levanta-se, mudando de atitude.

ISABEL: Eu vou dormir. Até amanhã, Das Dor. Volta-se e sai.

. Das Dor acompanha-a com o olhar, demora a responder.

DAS DOR: Té amanhã.

Ela se abandona à sua calada melancolia, o olhar perdido, vazio. O cachorro grunhe junto à porta mas ela não dá atenção. Seus olhos descem lentamente, pousam no copo sobre a mesa. Num gesto lento ela apanha o copo, com a manga do roupão limpa o molhado que ficou sobre a mesa, volta-se, abre a porta, o cachorro sai, ela passa e fecha a porta atrás de si.

29. EXT DIA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

. Um trem passa a toda velocidade muito próximo da câmera com enorme ruído. Quando ele acaba de passar, vê-se a plataforma de uma típica estação de cidade pequena, com alguns velhos muito característicos sentados nos bancos em permanente espera. Contrastando com eles Isabel, vestido muito leve, elegante, óculos escuros, caminha lentamente. Os velhos a seguem com o olhar. Ela para, curva-se ao guichê.

. O velho do outro lado do guichê, Isabel curvada à sua frente,

ISABEL: Esse veio de São Paulo?

VELHO: Não senhora. De São Paulo tá com atraso.

Quarenta minutos.

. Isabel agradece, endireita o corpo, olha a plataforma quase deserta, caminha para a saída. Passa pelos velhos. A câmera fica com eles que olham para ela. Ela sai de campo.

VELHO 1: Éta nóis, que nessas hora eu queria era ser o lobisomem, sec!

Os três riem muito. Um deles se retorce no banco com esforço para olhar na direção de Isabel.

VELHO 2: Quem será?

VELHO 3: Pois é a mulher do doutor, homem.

VELHO 2: O polaco?

VELHO 3: É, é. O doutor Jan não-sei-das-quantas.
Um nome atrapalhado, estrangeiro.

VELHO 2: Polaco.

VELHO 1: Mas ela não tinha largado ele?

VELHO 3: Tinha. Deve estar de visita.

VELHO 1: Gente esquisita.

VELHO 2: Tudo estrangeiro. O velho era gente boa.
Chamava... chamava... Romano... Roman Roscinski.
Foi ele que construiu a casa.

VELHO 3: Desperdício! Uma casa daquelas na mão
daquele louco.

VELHO 1: Ele é o das abelha africana, não é?

VELHO 3: É, é.

. Saída da estação: Isabel vem de dentro, passa pela
banca de revistas e olha. Vai continuar, mas volta uns
passos, aproxima-se da banca.

. Os jornais do dia pendurados ao lado de revistas.

Isabel segura um deles pela ponta e lê. O jornal:

LOBISOMEM ATACA MAIS UMA VEZ. Foto de uma mocinha vul-
gar e a legenda: "Lucia Maria de Jesus é a quarta víti-
ma do monstro. Ontem às 23 horas e 50 minutos, no baiz-
ro de Ponte Velha o monstro que assola nossa cidade
fez mais uma vítima."

. Isabel boquiaberta, lê as primeiras linhas. Desperta
do choque, procura dinheiro na bolsa, compra um jornal.

. De pé na escada da estação, Isabel lê durante uns
instantes. Desvia os olhos do jornal, pensa um instante.
Desce os degraus decidida, entra no carro, arranca e
sai de campo.

30. EXT DIA JARDIM

. Das Dor se curva ao lado do tanque para apanhar os macacões. Um par de pernas surge ao lado. Ela deixa os macacões e endireita o corpo. Panorâmica vertical: Paulinho diante dela com uma mala na mão.

PAULINHO: Das Dor.

. Das Dor olha para ele.

. Paulinho olha para ela.

PAULINHO: Vim despedir.

. Das Dor parece ansiosa, seus olhos se molham um pouco, lembrando da irmã.

DAS DOR: E a polícia?

. Paulinho desvia os olhos.

PAULINHO: Já me dispensaram.

Ele baixa os olhos, sem jeito.

. Diante dele Das Dor tenta sorrir, emocionada, com pena. Para cortar o assunto ela estende a mão dura, séria.

. Paulinho levanta os olhos para ela, tímido. Subitamente, tira a mão do bolso e coloca um papel na mão dela.

PAULINHO: Esse é meu endereço. Fala pra Penha escrever.

. Das Dor amassa o papel na mão.

DAS DOR: Você não vai voltar?

. Paulinho mantém os olhos baixos.

PAULINHO: Vou ficar uns tempos por lá.

. Das Dor guarda o papel, volta a estender a mão.

DAS DOR: Se ela acordar, eu falo.

. Paulinho levanta os olhos assustado, incômodo com a possibilidade de Penha morrer. Aperta a mão de Das Dor e se afasta, sem palavras. Das Dor fica parada, olhando-o afastar-se. Tira do bolso o papel, dobra-o com cuidado. Enxuga o nariz com as costas da mão. Volta-se e se curva para apanhar os macacões no chão.

VOZ (off): Das Dor.

Ela volta a se levantar. Sua expressão se transforma.

. A zoom fecha rapidamente até o portão: o delegado e o Inspetor Almeida esperam. O delegado acena com a mão.

31. INT DIA HOSPITAL

. Isabel caminha pelo corredor da enfermaria do hospital, guiada por uma enfermeira. Param diante de uma cama, Isabel se aproxima e olha.

. Deitada no travesseiro, Penha está ainda mais pálida, olheiras fundas, as marcas roxas no percoço, tubo de sôro no braço. Suas pálpebras oscilam permanentemente num estranho temor.

. Isabel olha compungida por trás dos óculos escuros. Agradece à enfermeira e sai de campo caminhando rapidamente.

32. INT/EXT DIA CARRO/CIDADE

. Perturbada, Isabel entra no carro, dá a partida uma, duas, três vezes. Finalmente arranca e roda pela rua da cidadezinha. A câmera, dentro do carro, não se afasta de seu rosto. Por trás dela passa a cidade. Ela abre os vidros, deixa entrar o vento, tira os óculos escuros,

apesar do sol, sacode a cabeça afastando a preocupação. A câmara desvia numa panorâmica para o parabrisas. No espelhinho retrovisor vê-se o reflexo dos olhos de Isabel. A rua da cidadezinha corre. Ao fim da rua a estação ferroviária se aproxima. Parado no alto dos degraus Rupert espera, duas malas ao lado. O carro para, ruído de porta que se abre, o reflexo some do espelhinho e Isabel reaparece já fora do carro, subindo os degraus. Rupert vem a seu encontro, abraçam-se brevemente, beijam-se nos lábios, de leve. Caminham para o carro, ele joga as malas no banco de trás, sentam-se e Isabel arranca imediatamente.

ISABEL: How was the trip?

RUPERT: Quite all right. This is a nice old car...
Is it Jan's?

ISABEL: Hum-hum.

Rupert observa-a um instante, sorrindo, inclina-se e beija-lhe o pescoço.

RUPERT: How is he?

ISABEL: He's all right. It may be a bit difficult for you, in the beginning.

RUPERT: I bet it'll be difficult for him too.

ISABEL: He's been very lonely lately. I find him disturbed... There's something wrong, something strange going on.

RUPERT: I'll be a good boy, don't worry. But you look disturbed as well. What is it?

ISABEL: Besides Jan, there is something else. A mad strangler is at large.

RUPERT: Oh-oh, that sounds quite civilized...

ISABEL: Have a look at the paper.

Rupert apanha o jornal do banco de trás e lê.

ISABEL: Can you understand?

RUPERT: You know I can't speak, but I always understand when I read.

33. EXT DIA JARDIM

. O carro para no jardim, Isabel e Rupert descem, estão tirando as malas.

. Das Dor observa da porta da cozinha, parado há alguns passos, Jan, o inspetor Almeida e o delegado olham também. Jan está nervoso, tenso, a carranca fechada.

JAN: Com licença um instante.

Deixa os policiais e sai de campo.

. Rupert e Isabel sobem o caminho do jardim, Jan chega até eles, cumprimentos.

ISABEL: Jan, this is Rupert.

Apertam-se as mãos.

RUPERT: Hello, how do you do, sir?

JAN: How do you do? I'm sorry this is not a very nice reception, but I beg you come inside and make yourself comfortable. I'll be with you in a minute.

ISABEL: What is it, Jan?

JAN: A polícia. Querem revistar o quarto de Tobias.

If you excuse me, Isabel will show you inside.

Jan se afasta na direção dos policiais, Rupert e Isabel caminham para a casa, Isabel olha na direção dos policiais e de Jan. Das Dor vem da cozinha, apanha uma das malas e entram os três.

34. INT DIA SALA

Das Dor entra e vai direto para o corredor. Em passo mais lento, Rupert e Isabel cruzam a sala também.

RUPERT: Who are they?

ISABEL: Police officers. They're searching the house.

RUPERT: Searching for what?

ISABEL: I don't know. I think it's got to do with the murders.

Eles somem no corredor adentro, mas ainda se ouve a voz de Isabel.

ISABEL (off): You see, last night when...

Das Dor passa de volta, caminhando depressa.

35. EXT DIA JARDIM

Ao lado do tanque Jan espera, agitado, nervoso, de má vontade. O delegado a seu lado. O inspetor sai do quarto com as fotos que estavam pregadas na parede e objetos de Tobias. Levanta-os no ar, mostrando para Jan.

JAN: É só isso, então?

INSPETOR: O senhor pode vir com a gente até a delegacia?

JAN: Eu estou com hóspedes, não tenho tempo...

INSPETOR: É rápido, doutor. Vamos?

Jan respira fundo, vendo que não pode negar.

JAN: Muito bem, eu vou no meu carro.

O inspetor dá de ombros.

ANNEIDA: Como o senhor quiser.

E segue adiante, acompanhado pelo delegado.

Das Dor entra em campo e fica olhando os homens que se afastam. Volta-se, caminha até o tanque.

. Os macacões no chão. Das Dor se curva para jogá-los dentro do tanque, mas algo se desprende deles e cai ao chão chamando sua atenção. Ela curva o rosto para olhar.

. No chão a correntinha com a estrela prateada que Penha usava.

. Das Dor olha perplexa um instante, leva um choque, arregala os olhos, cobre a boca com a mão. Imediatamente levanta a cabeça e dá um passo na direção por onde saíram os policiais, mas se contém, volta a olhar para o chão.

. No chão a correntinha com a estrêla. Das Dor se abaixa, recolhe-a com a ponta dos dedos.

. Das Dor se encosta no tanque, segura a correntinha diante do rosto, oscilando a estrela prateada no ar. De repente ela estoura num choro convulsivo, cobrindo o ruído dos soluços com a mão na boca, apertando no peito a mão fechada com a correntinha. Ela chora sacudida por soluços, a zoom abre lentamente, revelando todo o jardim e abandonando-se, pequena e sozinha, de pé ao lado do tanque de lavar roupas.

36. INT DIA DELEGACIA

. A porta se abre, o inspetor entra, apressado, o delegado entra atrás. Almeida vai até a mesa, coloca as fotos e objetos numa gaveta, senta-se, o delegado falando sempre, segue-o e se apóia em a perna dobrada sobre a mesa.

DELEGADO: A casa quem construiu foi o pai. A família vinha todo ano. De férias. Depois que a mãe morreu o velho veio morar aqui. O dr. Jan ficou estudando na capital. Depois de formado foi pra Europa, ficou famoso por lá. A casa ficava sempre fechada depois que o velho morreu. O doutor Jan só vinha de férias, com a mulher e um bando de amigos. Quando ele foi expulso da universidade...

AIMEIDA: Subversivo?

DELEGADO: Dizem. Aqui nunca vi nada. Ele foi expulso e separou da mulher...

AIMEIDA: Ela é aquela que chegou lá com o gringo?

DELEGADO: Inglês. Ela foi embora pra Europa e casou de novo. No estrangeiro. Bom, depois de tudo isso ele mudou pra cá e logo no...

Jan surge na porta ao fundo. Os dois se voltam.

AIMEIDA: Pode entrar, doutor.

Jan avança até eles, nervoso, acuado, pouco à vontade, traumatizado com polícia. O delegado puxa-lhe a cadeira, ele se senta. Segue-se um interrogatório rápido e incisivo.

AIMEIDA: Há quanto tempo o senhor conhece esse Tobias?

JAN: Uns vinte dias, um mês.

AIMEIDA: Ele morava na casa?

JAN: Morava. A mãe dele morreu há algum tempo e minha empregada pediu pra ele ficar lá.

AIMEIDA: Ele trabalhava na casa?

JAN: Estava aprendendo a cuidar das abelhas.

O inspetor olha para o delegado e prossegue.

AIMEIDA: Ah, o senhor tem abelhas?

JAN: Tenho.

AlMEIDA: Pra produção?

JAN: Para estudo.

AlMEIDA: Que tipo de abelha? Africana?

JAN: Não. Mas afinal pra que tudo isso? O senhor foi revistar a minha casa sem ordem judicial e agora quer me interrogar?...

AlMEIDA: Calma, doutor. Não é nenhum interrogatório. A gente chega lá.

. Jan se agita na cadeira, o delegado por trás dele, encosta-se à parede e cruza os braços.

AlMEIDA: A empregada? Há quanto tempo o senhor a conhece?

JAN: A mãe dela, dona Laurinda, trabalhou mais de vinte anos pra minha família. Quando eu me casei Das Dor veio trabalhar para mim.

AlMEIDA: O senhor sabe que ela teve contato com duas das vítimas do chamado lobisomem no dia ou na véspera do crime?

JAN: Não, não sabia.

AlMEIDA: A terceira vítima, Sonia dos Santos Alves era afilhada de batismo de sua empregada. Ela passou na sua casa um dia antes de morrer. Tobias já estava trabalhando lá?

JAN: Não sei. Quando foi isso?

AlMEIDA: No dia 12. Faz vinte e três dias hoje.

JAN: Já, já estava.

AlMEIDA: E depois a... Maria da Penha Souza, irmã dela, também passou lá no dia que foi atacada.

JAN: Ela passava todos os dias.

ALMEIDA: E a vítima de ontem, Lucia Maria de Jesus foi atacada no bairro da Ponte Velha, onde o senhor diz que ele morava e devia estar...

JAN: Isso não prova nada. Eu também estava na Ponte Velha ontem de noite.

ALMEIDA: Na hora do crime?

JAN: Não sei dizer.

ALMEIDA: Dr. Jan, seu empregado foi visto nas proximidades do local do crime de ontem. Além disso, ele deve ter visto as mocinhas que foram até sua casa. Entende agora porque suspeitamos dele, porque pedimos para revistar a casa?
O Jan muda levemente de expressão, parece pensar ou lembrar-se de algo, ligeiramente mais calmo ele responde.

JAN: Entendo, entendo.

ALMEIDA: Bom, nós precisamos da sua colaboração.

JAN: Pois não.

ALMEIDA: Sua empregada parece saber de alguma coisa que não quer revelar.

JAN: Não. Não creio.

ALMEIDA: O senhor sabe que ela negou autorização para a polícia interrogar a irmã?

JAN: É compreensível. A menina está muito mal, não?

ALMEIDA: O senhor não entendeu. Nós queremos autorização para interrogar depois que ela se recuperar. Se se recuperar.

JAN: Bom, eu posso falar com ela...

ALMEIDA: Dr. Jan, o senhor disse que o Tobias fugiu ontem à noite.

JAN: Isso mesmo.

. Almeida se apóia na mesa, inclina o corpo para frente.

ALMEIDA: Fugiu de que, dr. Jan?

. Incomodado, em xeque, Jan se agita na cadeira, a expressão assustada.

37. INT DIA SALA

. Das Dor entra com a bandeja e chega à mesa. Jan, Rupert e Isabel riem em torno dos pratos vazios. Rupert se dirige a Das Dor, procurando uma palavra em português. Finalmente solta:

RUPERT: Gostosa.

Por um instante Isabel, Jan e Das Dor ficam paralisados, os gestos suspensos. Finalmente Jan e Isabel se entreolham e estouram numa gargalhada. Das Dor se atrapalha com o prato, baixa os olhos, muito embaraçada. Rupert, perdido olha de um para outro. Ainda rindo, Jan se apressa em explicar.

JAN: O moço gostou da tua comida, Das Dor.

. De olhos baixos, continuando a recolher os pratos, embaraçada, Das Dor agradece baixinho:

DAS DOR: Obrigada.

. Rupert, também muito sem jeito, pergunta a Isabel que ainda ri:

RUPERT: It wasn't the right thing to say, was it?

ISABEL: Yes. It was quite right. It was just the way said it. She thought you meant her.

Muito sem jeito Rupert olha para Jan, tentando entender. E para Das Dor.

RUPERT: Desculpe.

. Das Dor se retira com a bandeja, muda e seca.

RUPERT: That was not a very good start. I'd better stick to English. By the way, your English is quite good, sir. Isabel told me you've been to England quite a few times, some time ago...

. Jan, casual

JAN: Yes, yes. In fact, I was in England when they decided to drop me out of the University.

RUPERT: I see. That would have been a good chance for you to stay for good, don't you think?

JAN: Oh, no. I only learned I had been... retired when I arrived back here.

Ele toma um gole de vinho e prossegue, suspirando.

JAN: That was a hell of a time. But it didn't last long. (Sorri amargamente) Or perhaps it's not over yet.

RUPERT: What do you mean?

Jan apóia os braços sobre a mesa, corta e muda o rumo da conversa.

JAN: Isabel told me you're working in the same area I am...

RUPERT: Yes. I'm starting to work on my doctorate now...

JAN: You're quite young for that, aren't you?

. Isabel reage com a insinuação da diferença de idades, sorri.

RUPERT: I'm thirty one, sir. Just about the right time.

JAN: But you're not dealing with bees, are you?

RUPERT: No, you see, I was into anthropology for a long time, but for the last year and a half my

research has been heading more towards the genetical abnormalities of sexual differentiation in primitive societies. It will still be a thesis on anthropology, but with a very strong genetical basis. Isabel has told me your work has been mostly on that aspect of the societies of bees?...

JAN: Not really. I was connected to a Medicine school and started researching on mechanisms that control haplo-diploid systems... Do you know what I mean?

. Isabel observa a conversa dos dois que começa a se tornar técnica. Sorri satisfeita de ver seu plano de aproximação dar certo. Recosta na cadeira e cruza os braços, observando.

RUPERT: I guess so. It's got to do with genetical loads on males and females...

JAN: Exactly. Systems that present a double genetical load on females and single on males. Well, you know in human beings this only happens to the genes located on the cromossoma X...

RUPERT: Yes...

. Enquanto eles conversam ela se levanta discretamente, apanha dois pratos e vai para a cozinha. Os dois não percebem sua saída.

38. INT DIA COZINHA

. Diante do fogão Das Dor coa o café. Isabel chega, coloca os pratos na pia, encosta-se a ela.

ISABEL: Eu fui visitar a Penha hoje de manhã. Das Dor se volta para ela, perplexa e agradecida ao mesmo tempo.

DAS DOR: Ah, o seu Jan contou pra senhora?

ISABEL: Que coisa horrível, Das Dor. Coitada da Penha.

DAS DOR: O pior, dona Isabel, é a vergonha.

ISABEL: Como foi que aconteceu?

DAS DOR: Eu mesma não sei. A Penha morava com o pai...

ISABEL: Onde é que ele está agora?

DAS DOR: Com a Cida, minha outra irmã, casada.

Eles tavam dormindo os dois, o homem entrou, foi no quarto da Penha e atacou ela.

ISABEL: E teu pai?

DAS DOR: Ah, a senhora precisa de ver como que ele está velhinho. Nem acordou. Só foi ver no dia seguinte.

ISABEL: E você acha mesmo que foi o Tobias?

DAS DOR: Ah, isso eu não sei não senhora.

Das Dor reage, afastando o olhar, contendo a emoção.

ISABEL: Como é que ele veio parar aqui, Das Dor?

. Das Dor cobre o rosto com a mão e começa a chorar.

. Isabel, um pouco perdida, não sabe que fazer, toca-lhe o ombro com a mão.

. Das Dor se recupera, enzuga o nariz nas costas da mão, enzuga os olhos com a mão.

DAS DOR: Fui eu que trouxe, dona Isabel, fui eu que trouxe ele aqui. A mãe dele, a senhora acho que lembra dela, a Conceição, lavadeira. Ela morreu, a pobre, que Deus a tenha, e os irmãos do Tobias não quis saber dele. A gente era muito amigas, sabe? Então eu falei com o seu Jan e trouxe ele pra ajudar com o jardim.

Ela perde o controle de novo, chora mais um pouco e volta a se controlar. Isabel olha.

DAS DOR: A senhora desculpe, mas a cabeça da gente fica atrapalhada. Com tanta coisa...

Isabel resolve falar para acalmá-la.

ISABEL: Você acha que não foi ele, então?

DAS DOR: Não sei, não sei, não senhora. Pode ser e pode não ser. O pobre não sabe nem falar, coitado. O lobisomen é ladino, ninguém pega ele. Quando eu penso na Penha lá no hospital, me dá vontade de... ó, nem sei viu, de matar esse diabo desse lobisomen. Mas quando eu penso no Tobias, tão feio daquele jeito me dá pena, me dá pena...

Das Dor ameaça novo ataque de choro, mas Isabel inter-vém.

ISABEL: Que história é essa de lobisomen?

DAS DOR: É o que tão dizendo, não é?... A gente nunca sabe.

Ela pega a bandeja com o café. Isabel toma-lhe das mãos.

ISABEL: Deixa que eu sirvo, Das Dor.

Das Dor hesita, olha para ela nos olhos e deixa. Isabel sai, Das Dor vai para seu quarto.

39. INT DIA SALA

Isabel sai da porta da cozinha com a bandeja de café e aproxima-se da mesa onde Jan e Rupert ainda sentados nos mesmos lugares ainda conversam, animadamente.

JAN: The hypothesis, by Goldschmidt, defended that the males had n and the female two N chromosomes and that...

Isabel poussa a bandeja e interrompe

ISABEL: Coffee, gentlemen.

Servem-se de café, enquanto Isabel fala para Jan.

ISABEL: Jan, a Das Dor está muito nervosa.

JAN: Que foi que aconteceu?

ISABEL: Coitada, ela está confusa.

À medida que os dois conversam em português a câmera se aproxima lentamente de Rupert. Ele observa, muito atento, mas evidentemente não entende nada e revela seu desagrado à medida que toma o café. A conversa prossegue off.

ISABEL: Além da irmã estar no hospital tem agora esse problema com o Tobias. E foi ela que trouxe ele para cá. O que é que eles disseram na polícia? Jan se volta para Rupert, Rupert desvia os olhos para Isabel. Isabel olha para Rupert também.

JAN: Acho melhor a gente falar disso outra hora. Isabel estende o braço e afaga a mão de Rupert por cima da mesa.

À medida que ela fala a câmera se aproxima lentamente de Jan. Agora é sua vez de mostrar-se enciumado.

ISABEL: I'm sorry, Rupert. We're having some problems with the maid because of all that story I told you this morning.

Jan aproveita a pausa e corta o assunto.

JAN: Well, if you care to come to my studio I'll show you some notes that may be interesting.

ISABEL: Oh, no. It's too early for that. I think we should all go to the beach and spend a lovely afternoon.

40. EX DIA PRAIA

. Jipe corre pela areia, brincando ao sol forte. Rupert entra em campo, correndo, brincando com ele. Entram os dois na água. Rupert nada para longe, Jipe volta à praia, latindo para ele. A zoom recua abrindo até revelar Isabel e Jan deitados na areia, os dois olhando na direção da água.

ISABEL: Que tal?

JAN: O que?

ISABEL: Você aprova a minha escolha?

JAN: Você sempre teve um agudo sentido maternal. Isabel se senta e dá-lhe um soco no ombro, rindo.

ISABEL: Monstro! Isso é coisa que se diga pra uma mulher que já passou dos trinta?

. Os dois riem, ela volta a se deitar sobre os cotovelos, olhando. Jan olha também. Rupert sai da água e vem caminhando até eles.

JAN: He's OK. Informado, inteligente... Vai ser bom ter alguém pra conversar uns dias.

ISABEL: Que bom, fico contente.

Rupert chega até eles, cai deitado ao lado de Isabel.

RUPERT: Oh, it's good!

JAN: We were talking about you.

Ele fica perplexo pela franqueza, olhando para Jan. Isabel sorri.

. Jipe salva a situação sacudindo a água e borrifando todo mundo. Os três protestam, Jan tenta alcançá-lo mas ele corre, Jan cai na areia, levanta-se e sai correndo atrás do cachorro.

. Isabel volta a deitar-se. Rupert, de braços a seu lado. Ela sorri, como se jogasse um jogo.

ISABEL: So?

RUPERT: What?

ISABEL: What do you think of him?

Rupert se ajeita para olhar Jan que corre ao longe, fora de quadro.

RUPERT: He amazes me, sometimes. He's quite straight forward when we talk about work. Then, all of a sudden he says things like he just did. I don't know...

Isabel ri, os olhos fechados para o sol, curtindo o jogo de situações.

RUPERT: It's a bit like if there were a doctor Jan, very serious and bitter and another Jan, all full of sudden switches and double meanings.

Rupert olha para Isabel. Ela está rindo muito, silenciosamente. Ele bate-lhe no rosto.

RUPERT: Hey, you're enjoying it, you...you...

Eles lutam de brincadeira, sensualmente, ela grita muito, ri. Os dois se beijam na areia, sob o sol muito forte. Discretamente a câmera desvia para a linha do mar: Jan caminha para longe, sozinho, o cachorro a seu lado, sob o sol que se põe.

41. INT NOITE SALA

. A mesa com copos, pratos com restos de comida. Em cima de tudo isso Rupert desdobra um grande mapa do Brasil. Isabel e Jan se curvam também para olhar. Rupert indica com o dedo.

RUPERT: From Manaus we'll go up Rio Negro, through the National Park where professor Walker will join us, then to Moura, this little town over here and from there to the mission of FUNAI... here.

JAN: Walker... Is it Brian Walker?

RUPERT: Yes. A strange Englishman who can speak Portuguese. You know him, don't you?

. Sentam-se os três.

JAN: Yes. We were in the same department when I was in Edinburgh. He used to teach there, didn't he?

RUPERT: Oh, yes. I believe he was in Edinburgh a few years ago.

JAN: Hum... How long are you planning to stay over there?

RUPERT: In the jungle? Three months. It may last a bit longer though. You see, it's a big group of researchers from different fields in the same program. There's professor Walker for Genetics, Jones, Tropical Medicine; Lawrence, who's a Botanist, and myself, Anthropology.

Jan olha para Isabel que bebe um drinque.

JAN: E você?

ISABEL: Eu fico em Moura, organizando os dados e morrendo de tédio.

RUPERT: They don't allow women in the programs.

JAN: Você podia ficar aqui ou no Rio, então?

ISABEL: Não. Eu quero ir. É menos perigoso.

Jan sorri, Isabel também, Rupert olha sério, um pouco incomodado porque não entende bem a língua. A página

se alonga. Isabel se levanta.

ISABEL: Well. Time to go to sleep.

Rupert se levanta também. Isabel se curva e beija Jan no rosto.

RUPERT: Good night, sir.

ISABEL: Boa noite.

JAN: Good night.

Os dois saem de campo. A câmera se aproxima do rosto de Jan ele segue os dois com o olhar, recosta-se na cadeira e olha o vazio, a melancolia aos poucos brotando e dominando-o. Por fim levanta-se e sai de campo.

42. INT NOITE QUARTO DE DAS DOR

. Das Dor, de combinação, está parada diante do espelho, como que hipnotizada, as lágrimas prontas a brotar dos olhos. Com gestos quase rituais ela levanta os braços e coloca a correntinha com a estrêla em torno do pescoço. E fica olhando, profundamente emocionada, as lágrimas rolando pelo rosto, sem chorar, porém.

43. INT NOITE QUARTO DE JAN

. De pé, ao lado da cama, Jan se despe com gestos muito lentos. A câmera se aproxima de seu rosto, ele inclina a cabeça para trás, olhos fechados procurando controlar a ansiedade que brota.

. Deixa-se cair sentado à beira da cama, nu, as costas curvadas, a cabeça pendida para o peito, os braços abandonados, pesado, passivo, seu corpo oscila ao ritmo da respiração pesada.

. Sentado no chão Jipe, de orelhas em pé, olha atentamente o dono, em alerta.

. Close de Jan: passa as mãos pelo rosto, pelos olhos, tentando afastar os pensamentos, as imagens. Olha fixamente para um ponto. Fusão para:

. Panorâmica pelo corpo nu de Isabel: o ventre liso, os seios, o pescoço, o rosto calmo, um leve sorriso nos lábios entreabertos.

. Close de Jan: olhando fixamente para a frente aperta os olhos, contrai o rosto, tentando apagar a fantasia. Num movimento brusco sai de campo.

. Bruscamente ele deita-se, recolhe os membros, abraça as pernas, encolhido sobre a cama.

. No chão, o cachorro atento, orelhas em pé, acompanha cada movimento de Jan, pressentindo a perturbação do dono.

. Close de Jan: seu rosto pousado no travesseiro, olhos fechados fortemente, o suor começando a porregar da testa. Abre os olhos, pisca várias vezes, olhando fixamente. Lenta fusão:

. Isabel rola o corpo nu pela cama. Braços de Jan a envolvem.

. Close da mão de Isabel que desliza pelo braço, pelo ombro até a nuca, revelando o perfil de Jan. A cabeça de Isabel entra em campo e cobre momentaneamente a imagem. Quando termina de cruzar o quadro já não é Jan quem a abraça, mas Rupert. Isabel volta a entrar em campo, os lábios se tocam e se comprimem num beijo.

. Jan vira a cabeça sobre o travesseiro, soltando um gemido surdo.

. O cachorro se senta sobre as patas de trás, empina o corpo, atento, alerta, olhos brilhantes, orelhas em pé, ligado ao dono.

. Jan olha o teto, as narinas dilatadas, respiração difícil, boca aberta, olhos muito abertos. Passa a mão pela testa enxugando o suor. Deixa a mão sobre os olhos, imóvel. Panorâmica ao longo de seu ombro, seu braço, até a mão pousada sobre o travesseiro.

. A mão de Rupert sobre o seio de Isabel.

. As costas de Isabel que deslizam sobre o peito de Rupert.

. A mão dele desliza pelas costas de Isabel até suas nádegas.

. O perfil de Isabel ancaixado na curva do pescoço de Rupert, suada, ofegante, olhos semi cerrados.

. Jan deitado sobre Isabel. Os dois rolam pelo lado, Isabel cobre com as costas e quando termina o movimento é sobre Rupert que ela está deitada.

. Close muito fechado da boca de Isabel: com a ponta da língua ela acompanha os contornos da orelha de Rupert.

. Close muito fechado de Jan que se aproxima e beija a parte de trás do joelho de Isabel. Num chicote a câmera sobe rapidamente para o rosto de Isabel, deitada de lado no travesseiro. Mas é o rosto de Rupert que entra em campo e afunda nos cabelos de Isabel.

Lenta fusão para:

. Jan estendido sobre a cama, os braços abertos, olhando o teto, imóvel, respiração ofegante, tremendo ligeiramente; a câmera se aproxima de seu rosto à medida que ele puxa as cobertas e se agasalha, vira de bruços.

Pousado sobre o travesseiro ele fecha os olhos. As pálpebras tremem durante algum tempo, param. Jan dorme. O cachorro, sentado no tapete, finalmente relaxa. Deita-se sobre as patas, acomoda a cabeça e fecha os olhos para dormir.

44. EXT NOITE JARDIM

. Entre os arbustos do jardim, no escuro da noite, apenas perceptível, um vulto se locomove, cautelosamente, fazendo farfalhar as folhas. Atravessa o gramado e caminha para o quartinho dos fundos. Dá uma topada na cadeira de madeira do jardim, com muito ruído. Para e espera um instante. Uma luz se acende. O vulto se vira rapidamente e corre para fora, saltando o muro.

. A porta do quarto de Das Dor se abre, ela sai à porta, enrolada no roupão, passeia o olhar pelo jardim.

. Panorâmica pelo jardim vazio.

. Parada à porta, recortada contra a luz, Das Dor fecha o roupão pensativamente, seus lábios murmuram sem som: "Tobias". Passa a mão pela boca, intrigada, volta para dentro com passos lentos, fecha a porta, apaga a luz, escurecendo tudo.

45. EX DIA JARDIM

. Manhã muito cedo, pássaros cantam nas árvores do jardim. A porta da cozinha se abre, Jipe sai correndo, agitado, Das Dor sai em seguida com as sacolas de compras. Coloca duas tijelas, uma de água outra de comida, no chão ao lado da porta. Jipe começa a comer

instantaneamente, ela caminha pelo jardim e sai de campo.

46. EXT DIA ARRABALDES

. No areal da praia, debaixo de coqueiros, uma fila de casas de pescadores, muito humildes. Crianças brincam diante das portas. Das Dor caminha com dificuldade pela areia, para à porta de uma das casas e conversa brevemente com a mulher ali parada. A mulher faz-lhe gestos indicando uma determinada direção. Das Dor agradece e segue caminho.

47. EXT DIA AREAL

. O capim cresce alto no areal. Uma grande construção de madeira em ruínas, um antigo depósito de barcos, abandonado. Das Dor entra em campo, para para tomar fôlego e enxugar o suor da testa e continua.

. A porta de madeira carcomida, entrecerrada. Das Dor entra em campo, espia pela fresta e empurra com cuidado. A porta se abre, rangendo. Das Dor avança um passo e espia o interior. A zoom avança pela penumbra cortada pelo sol que entra pelas frestas até um barco danificado que está encostado a um canto. O mato cresce em torno dele, papéis e latas velhas, lixo se amontoa no interior. E misturado ao lixo Tobias que dorme pesadamente, a barba por fazer, o corpo sujo de lama.

. Das Dor engole em seco, a fisionomia insondável; depois de observar um momento, ela tira de dentro de uma das sacolas uma tigela de comida, coloca-a no chão ao

lado da porta. Sai para o sol e fecha a porta atrás de si.

48. INT DIA ENFERMARIA DO HOSPITAL

. A longa enfermaria com duas filas de camas. Ao fundo, em torno da penúltima cama um grupo se reúne: inspetor Almeida, o delegado, o médico. Penha está deitada, mexendo lentamente a cabeça de um lado para outro. Das Dor entra em campo e caminha apressada até o fundo, soando os saltos do sapato no silêncio do hospital.

Ela se senta ao lado da cama, segurando a mão de Penha.

. Os olhos cheios de lágrimas, que escorrem pelo rosto, Das Dor olha atenta a menina. Sempre em close, uma panorâmica para Penha: os olhos muito abertos, as manchas no pescoço já bem mais tênues, ela olha como se nada enxergasse, mexendo a cabeça de um lado para outro. Por fim ela fixa Das Dor, sua expressão vazia se modifica ligeiramente.

. Panorâmica em close pelos rostos do grupo: Almeida tenta avançar, mas o médico o detém, o delegado masca um palito, Das Dor chora, apertando a mão da irmã ao peito.

. Penha olha fixamente para Das Dor: sua expressão lentamente se contrai como se ela fôsse chorar, mas os olhos aos poucos se fecham e os traços voltam a uma ausência total de expressão.

. O médico afasta Almeida e o delegado que vão embora sob protesto. À beira da cama, ele para, observa Das Dor que chora junto à irmã, toca-lhe o ombro com a mão. Das Dor volta os olhos para ele, envergonha-se,

enxuga o nariz e segue o médico, olhando para a irmã.
. Na cama Penha continua seu sono letárgico, imóvel.

49. INT DIA CORREDOR DO HOSPITAL

. Das Dor sai da porta marcada ENFERMARIA acompanhada do médico. Ao sair ela estaca, olhando em frente. O médico olha também.

. Na parede oposta o inspetor Almeida e o delegado se desencostam e olham para Das Dor, aproximam-se um passo.

. Das Dor olha os homens parados à sua frente. Ela estuda o rosto dos dois hesitando em falar. Por fim diz:

DAS DOR: Se o senhor ainda quer eu assino a autorização agora.

O inspetor volta-se para o delegado, sem sorrir, mas satisfeito. O delegado procura nos bolsos e retira um papel que desdobra, estende-o para Das Dor. O médico, por trás dela, sacode a cabeça desaprovando.

50. EXT DIA FACHADA DO HOSPITAL

. Das Dor sai, desce os degraus e caminha pela calçada.

Um instante depois o inspetor Almeida sai acompanhado de outro homem, baixinho, de óculos escuros e indica Das Dor. O homem assente com a cabeça e a segue.

51. EXT DIA RUA

. Uma velha casa de residência adaptada para loja comercial. Sobre as portas abertas vê-se uma tabuleta com uma estrela de plaquinha brilhando ao sol: "Alfaiataria

Estar - Turibio & Tibúrcio, Cia. Ltda."

. Na calçada em frente um carro estaciona devagarinho. O motorista é o mesmo homenzinho de óculos que olha disfarçadamente para a loja.

. A fachada: a zoeira avança para dentro da loja, através de uma das portas ladeada por manequins fora de moda vestidos de paletós modernos. Lá dentro, Das Dor conversa encostada ao balcão.

52. INT DIA AITAIATARIA

. Detrás do balcão Turibio conversa com Das Dor. Um pouco afastada a mulher observa agressivamente, com uma menina agarrada às pernas. Ao lado, sentado à máquina de costura, mergulhado no trabalho, Tibúrcio mantém-se alheio.

TURIBIO: É uma barbaridade, dona Das Dor. A coitada da mãe o que não teve de aguentar... Quando as polícia veio procurar ele aqui a gente nem estranhou. O Tobias sempre foi desse jeito. É só complicação, só dor de cabeça.

. Das Dor observa caladamente o homem. Hesita um instante.

DAS DOR: O senhor sabe onde é que ele está?

. A mulher irrompe quase aos gritos.

MULHER: Aqui não tá. E pra cá também não vem.

. Das Dor olha para ela, comprime os lábios sem nada dizer. Olha na direção da máquina.

. Com a agulha suspensa, Tiburcio levanta os olhos para a cunhada, fechando uma carranca de muda reprovação.

. Das Dor volta a olhar para Turibio.

DAS DOR: Bom dia, seu Turíbio, o senhor sabe que a polícia pode prender ele. Estão procurando em todo lado...

TURÍBIO: O que que a gente pode fazer, Dona Das Dor? Pois se ele é assim mesmo...

. A mulher irrompe aos gritos agora fazendo a menina chorar, pedindo colo.

MULHER: Pra cá ele não vem, pra cá ele não vem, não vem... Eu não quero lobisomem perto da minha filha. A Leonicinha tem medo dele, tem medo. Tem medo de você também. Turíbio, o que que essa mulher tem de ver com a gente? Pra cá ele não vem...

. Das Dor e Turíbio olham para a mulher. Das Dor muito incomodada, contendo-se para não reagir.

TURÍBIO: Fica quieta, mulher, fica quieta.

A menina chora, a mulher resmunga para Turíbio que vai até ela enquanto Tibúrcio entra em campo. Das Dor olha para ele.

TIBÚRCIO: Ela é nervosa, Das Dor, não ligue.

Os dois se olham um instante. Há um entendimento maior entre os dois, tácito, calado, nos olhos.

TIBÚRCIO: O pobre do Tobias não tem cabeça. Nasceu assim, coitado. Você já fez muito de arrumar lugar pra ele, agora chegou a nossa vez. Dever de irmão, chamado do sangue. Se ele fôr mesmo o lobisomem, isso fica pra justiça de Deus e dos homens. Mas se não for eu tomo conta dele. Levo ele pra longe, faço alguma coisa.

Os dois se olham ainda um instante. Turíbio some com a mulher e a criança para o interior da casa.

TIBURCIO: Se por acaso ele aparecer lá de novo, você dá estas roupa pra ele. E pode me chamar. Eu vou rezar pra ele, você reze também. O pobre precisa.

Enquanto ele fala, a câmera faz uma panorâmica para o exterior: encostado ao meio fio, o carro ainda está parado, o homenzinho observando.

53. EXT DIA RUA

. A fachada da alfaiataria. Das Dor sai da porta com o pacote de roupas. O carro dá a partida e começa a segui-la pela rua.

54. INT DIA MERCADO

. Das Dor se movimenta entre as bancas, escolhendo frutas. Por trás dela, do outro lado do corredor, o homenzinho de óculos caminha lentamente, disfarçando.

. Das Dor se curva sobre um saco de feijão, colhe um punhado e examina os grãos. Sente-se observada, paraliza-se um instante, olha de soslaio e volta a cabeça subitamente.

. O homenzinho, que olhava para ela, se volta, disfarçando e se afasta.

55. EXT DIA RUA

. Com as sacolas cheias de compras, Das Dor caminha pela rua, olha para trás, desconfiada.

56. EXT DIA CASA DE JAN

. Das Dor entra pelo portão, sobe através do jardim e entra na porta da cozinha. O carro passa, diminuindo a marcha e estaciona debaixo de uma árvore. A zoom fecha na porta da cozinha, que se abre um pouco, Das Dor espia pela fresta e fecha de novo.

57. EXT DIA JARDIM

. Vestidos com os macacões protetores Jan e Rupert examinam as colmeias.

. Sentada a uma cadeira de madeira do jardim, Isabel lê um livro, tomando sol de calça lee e parte de cima do biquini. Rupert entra em campo e curva-se para beijá-la. Subitamente ele levanta a cabeça e olha do outro lado.

. Por cima do muro, do outro lado da rua, dentro de um carro estacionado, o homenzinho de óculos volta a cabeça, escondendo-se com o jornal que finge ler.

. Isabel percebe e volta a cabeça na mesma direção.

ISABEL: What is it?

RUPERT: Nothing. There was someone looking at us.

ISABEL: Oh. Where's Jan?

RUPERT: He'll come in a minute. Shall we go?

Isabel se levanta.

ISABEL: Yes.

58. INT DIA COZINHA

. Encostada à pia Das Dor descasca batatas, Jan entra pela porta e passa por ela. Ela volta a cabeça.

DAS DOR: Seu Jan...

- . Jan se volta, apressado.
- . Das Dor olha para ele um instante, pensando.
- . Jan olha para ela.
- . Das Dor baixa os olhos, volta às batatas.

DAS DOR: Nada. Não é nada não, o senhor tá com pressa.

- . Jan tem um gesto de impaciência e sai pela porta.
- . Das Dor se volta para a porta. Olha um instante, pensando. Decide-se, enxuga as mãos no avental, caminha decidida até a porta, abre-a, olha para fora.
- . O carro já está na rua. Jan fecha o portão e entra no carro. O carro parte, dirigido por Isabel.
- . Das Dor observa da porta, volta a cabeça noutra direção.
- . O carro do homenzinho sai em seguida e segue o carro de Jan.
- . Na porta Das Dor estala a língua, contrai o rosto, sacode a cabeça preocupada, pensativa.

59. INT DIA QUARTO DE DAS DOR

- . A gaveta da mesa de cabeceira. As mãos de Das Dor entram em campo, abrem a gaveta, ela abre uma caixinha de madeira, retira a correntinha.
- . Sentada na cama Das Dor segura a correntinha numa das mãos e uma foto na outra.
- . As mãos de Das Dor: na foto tirada na praça. Penha faz uma pose de glamour provinciano, a correntinha com a estrela prateada em volta do pescoço. Na outra mão de Das Dor a mesma correntinha, a mesma estrela.

60. EXT DIA CLUBE

. Rupert e Jan disputam uma partida de tênis. Isabel, sentada ao lado da quadra come uma maçã e assiste, aplaudindo um ou outro.

. Jan emerge da água azul da piscina e senta-se à borda, ao lado de Isabel e Rupert que, deitados, se bronzeiam ao sol.

61. INT DIA VESTIÁRIO

. Jan e Rupert se lavam debaixo dos chuveiros.

. Close de Rupert que ensaboa os cabelos. Ele para bruscamente um instante e volta a cabeça.

. Zoom muito rápida pelo corredor de armários. Por trás do último alguém se esconde rapidamente, mas sua sombra ainda é visível na parede, se afastando.

62. EXT DIA RESTAURANTE AO AR LIVRE

. Rupert e Isabel sentados a uma mesa rústica de madeira.

ISABEL: Are you sure it's not someone just curious about you? You know, being a foreigner...

RUPERT: We're been watched, I'm sure.

I wonder if I should tell Jan.

ISABEL: Please don't. He's been through that before. He'll be terribly upset.

RUPERT: But why should they watch us?

ISABEL: They are looking for the werewolf. For Tobias. Maybe they think he will try to get in touch with Jan or something.

RUPERT: I don't know. It doesn't sound quite right.

ISABEL: What else could it be?

RUPERT: Are you sure Jan is in touch with his friends anymore?

ISABEL: Here he comes now. Please don't say anything.

. Jan avança entre as mesas quase vazias e senta-se ao lado dos dois. Os três comem, olhando a praia, conversando.

. Sobre o mar, o sol se põe.

63. EXT NOITE JARDIM

. Por sobre o muro vê-se o carro, com o homenzinho de óculos ao volante, na espia, luzes apagadas. Ele põe o braço para fora da janela e acena. Rápido escote pelo jardim até o outro extremo: por cima do muro baixo ao lado do tanque de lavar outro policial, oculto entre arbustos, acena num gesto grande.

. O jardim vazio, em paz, a lua brilha, alta no céu.

64. INT NOITE COZINHA

. No escuro Rupert caminha pé ante pé até a porta.

. Rupert abre a porta um pouco e espia para fora, cuidadosamente.

. Pela fresta da porta vê-se o carro estacionado.

. Rupert se move diante da fresta para olhar o outro lado. Subitamente, uma mão toca seu ombro, ele se volta assustado. Isabel entra em campo.

RUPERT: Uff!

Eles conversam aos sussurros, como crianças brincando de esconde-esconde.

ISABEL: What is it?

RUPERT: You frightened me. Look, they're there.

ISABEL: Who?

RUPERT: Look.

Isabel se coloca diante da porta e olha.

Pela fresta se vê o homenzinho que sai do carro, estica o corpo se espreguiçando, olha de ambos os lados da rua e assobia. Um outro assobio responde, ele ri alto, entra no carro novamente.

Isabel se volta para Rupert.

ISABEL: Oh, God!

RUPERT: What should we do?

ISABEL: What can we do?

RUPERT: Are you sure we shouldn't warn Ian?

ISABEL: Yes. Yes I am. We can't do anything, can we? I think they think Tobias is going to come back here.

Eles olham de novo pela fresta. Sempre sussurrando Isabel ri, tapa a boca com a mão. Rupert ri também.

ISABEL: Oh, it's exciting, isn't it?

RUPERT: I thought it was a privilege of the English to enjoy suspense.

Riem ambos muito baixinho. Se abraçam, se beijam, excitados pela situação. Ouvem-se ruídos de uma porta que se abre. Eles se separam e aguardam atentos, levando os dedos aos lábios num gesto de silêncio. Cautelosamente, Rupert abre novamente a porta, espiando pela fresta.

. Pela fresta vê-se Das Dor que avança de seu quarto, segurando a gola do roupão. Na luz que se projeta de seu quarto aceso ela olha de ambos os lados, aguarda um instante e volta para dentro.

. Rupert fecha a porta, toma a mão de Isabel e, pé ante pé, saem de campo.

65. INT NOITE QUARTO DE JAN

. Recostado nos travesseiros Jan lê um livro. Ouvem-se os ruídos de Isabel e Rupert que voltam para o quarto, rindo baixinho, excitados, a porta que se fecha. Jan se levanta, caminha até a sua porta, abre, olha para o corredor. Os ruídos das vozes dos dois continuam mais fortes agora. Jan fecha a sua porta e caminha lentamente de volta a sua cama, atento aos ruídos dos dois que passam através das paredes. Jipe ao seu lado parece excitado. Ele afaga rapidamente a cabeça do cachorro, dizendo baixinho:

JAN: Quietos, Jipe, quietos.

O cachorro obedece e se deita no tapete. Jan se senta na cama e ouve. Não consegue distinguir o que eles dizem. As vozes cessam. Jan se deita, apanha o livro novamente. Aos poucos vão surgindo do outro lado os ruídos do casal que faz amor, as respirações ofegantes, gemidos contidos. A câmera se aproxima do rosto de Jan à medida que os ruídos aumentam de intensidade. Jan se inquieta, senta-se na cama e fica ouvindo. Seu rosto vai aos poucos ganhando tensão, o olhar fixo, as narinas se dilatando à medida que sua própria respiração se altera.

. O cachorro se senta, alerta, orelhas em pé, atento ao dono.

. Jan oscila o corpo, para frente e para trás, uma excessiva perturbação aos poucos dominando-o à medida que prosseguem os ruídos de amor dos dois no outro quarto. Ele sua, tapa os ouvidos com as mãos. Ri de si mesmo, do gesto infantil, baixa as mãos, deita-se. Fica imóvel, ouvindo a progressão dos gemidos de amor cada vez mais tensos.

. O cachorro vela, alerta, olhar atento.

. Nervosamente Jan se põe de pé. Acende um cigarro. Caminha pelo quarto. A câmer

. A câmera acompanha Jan num close fechado, caminhando cada vez mais nervoso, de um lado para o outro. De repente ele para, olhando fixamente para um ponto. Panorâmica para onde ele olha: no grande espelho da porta do guarda-roupas sua imagem refletida, calças de pijama, pés descalços, peito nu. Ele observa um instante, levanta lentamente a mão até o peito, desce-a pela barriga numa carícia a si mesmo. A zoom fecha até close de seu rosto refletido no espelho. Ele fecha os olhos, inclina a cabeça para trás, dentes cerrados. Pelo movimento do corpo e progressão de sua expressão é evidente que ele se masturba. Sempre em close a panorâmica desvia de sua imagem até enquadrar Jipe que, de orelhas em pé observa. O cachorro deita a cabeça sobre as patas, descansa. Os ruídos do amor de Rupert e Isabel crescem subitamente. E cessam.

ESCURECIMENTO

66. EXT DIA JARDIM

. Milhares de abelhas se agitam sobre um favo. Com imagens muito aumentadas de macro fotografia um breve documentário sobre a vida das abelhas: os cuidados com a rainha, o nascimento das obreiras, o vôo de acasalamento, a coleta de pólen numa flor, a dança indicando a localização do campo de coleta, etc. Milhares de insetos tornam o ritmo alucinante, febril, desesperador. Sobre a imagem a voz de Jan narra em tom casual e relaxado.

JAN (off): All the honey produced in Brazil before 1956 was from Italian and German bees. The Apis Mellifera adansonii, African bee, was much more adapted to our tropical climate. They produce up to two hundred per cent more honey than the other two. But they had a very serious problem: they were extremely aggressive. So we brought some hives from African, experimentally. The basic idea was to cross the African bee with the Italian species, artificially, and thus eliminate the genes of aggressiveness, through successive retrogressive cross-breeding. A very simple genetical operation, as you know. Then, we would have a new species, both productive and docile.

We kept the hives in quarantine. To prevent accidental mating all the hives were provided with a double excluding screen. These would allow the exit of the workers, but not of the queens and males, because they're bigger.

67. INT DIA ESTÚDIO DE JAN

. Por trás de sua mesa, Jan prossegue a narração.
Rupert sentado no sofá, com fôlhas de anotações na
mão, ouve atento.

RUPERT: The workers are sterile, if I remember,
correctly?

JAN: Yes, yes. They work, but they do not ...
love, so to speak.

Sorriem ambos.

RUPERT: What happened next?

JAN: Well, there was an accident. One fine Sunday,
a beekeeper, a very nice man, good friend of mine
at the time, he went visiting the quarantine.
Alone. He noticed that the screens were very
narrow and retained part of the pollen the bees
brought in. So, he thought, removing the screens
will increase the production even more.

. Isabel chega na porta aberta, encosta-se silenciosa-
mente ao batente e fica ouvindo. Rupert olha brevemente
para ela, Jan não nota sua presença.

JAN: He removed the screens, but did not warn us
about it. After a few days twenty six of the
queens had escaped, mated and started new colonies
entirely out of our control. Since then the
African bee has spread very very quickly
throughout the country...

A câmara começa a avançar lentamente até Isabel, até
close dela.

RUPERT: Are they really dangerous?

JAN: Yes, yes. You see, when disturbed they attack
in massive groups, with great ferocity and speed.

Em close, Isabel ouve atenta.

JAN (off): They have even killed some people. Of course they were extremely allergic people, but... Isabel bate na porta com os nós dos dedos, interrompendo.

ISABEL: May I interrupt the busy bees? Ela avança até o centro do estúdio, Rupert se levanta e vem até ela, passa o braço em seus ombros.

ISABEL: Jan, a Das Dor quer falar com você.

68. INT DIA COZINHA

. Jan entra, Das Dor se volta do fogão.

JAN: Que foi, Das Dor?

. Das Dor demora um pouco a responder.

DAS DOR: Eu não sei se o senhor já viu, mas tem gente da polícia espionando a gente.

. Jan fica paralisado, hirto, em choque.

. Das Dor registra a sua reação. Observa.

DAS DOR: Desde ontem. Quando o senhor foi no clube eles foram atrás. E agora mesmo tem um carro parado aí na frente.

. Jan ouve, congelado na mesma posição. A reação brota lentamente. Ele se lança à porta da cozinha, abre-a violentamente.

69. EXT DIA JARDIM

. Da porta a zoom fecha rapidamente para o carro da polícia estacionado no mesmo lugar, do outro lado da rua. Seu ocupante já não é o homenzinho, mas outro que acende um cigarro, cobrindo um pouco o rosto com a mão.

70. INT DIA COZINHA

. Jan observa, atônito. Fecha a porta e volta-se para Das Dor, a boca aberta, um terror antigo emergindo da memória.

. Das Dor, controlada, segura, olha para ele um tempo.

DAS DOR: Eu achei que o senhor ia ficar nervoso, achei melhor não contar. Mas agora é diferente.

. Jan desperta de seu transe.

JAN: Por que?

. Das Dor faz um momento de suspense.

DAS DOR: Seu Jan... eu acho que sei onde que o Tobias está.

. Jan fica absolutamente imóvel, mudo. Finalmente pergunta com a voz por um fio, baixo.

JAN: Onde?

. Das Dor observa todas as suas reações.

DAS DOR: De noite eu fiquei pensando muito. Lembrei que a Dona Conceição contava sempre que quando ele levava surra, ia se esconder.

. Jan reage violentamente, tremendo, suando muito. Apóia-se nas costas de uma cadeira, projeta o corpo para a frente.

JAN: Onde, Das Dor?

. Das Dor começa a arranjar pratos e talheres na bandeja, com calma estudada, com medo de contar.

DAS DOR: Ontem de manhã fui visitar os irmão dele, mas eles não sabiam. Só eu que sei.

. Jan está absolutamente fora de si, lança-se para a frente, apóia-se na mesa derrubando a cadeira.

JAN: Responde de uma vez, Das Dor. Onde é que o Tobias está?

. Nervosa, Das Dor abandona os pratos e talheres, baixa os olhos, imóvel.

Isabel surge na porta da cozinha por trás dela e fica observando.

. Jan não se importa com a presença de Isabel e grita, furioso.

JAN: Das Dor, esse homem matou três mulheres, bötou a tua irmã no hospital, ameaçou a Isabel e você ainda fica preocupada com ele... Diga de uma vez, onde é que ele está?

. Das Dor está muito emocionada, amedrontada, sem saber se conta ou não. Olha para Jan e para Isabel, pedindo socorro. Isabel fecha a porta e aguarda, séria. Das Dor quase cochicha, embargada.

DAS DOR: Não se sabe se foi ele, seu Jan. A polícia vai fazer judiação com o pobre.

Ela chora, afundando o rosto no peito.

Isabel olha para Jan, faz um gesto pedindo calma a Jan.

. Apoiado na mesa, Jan faz um esforço para se controlar, tremendo. Com a voz muito baixa, mas quase rugindo, ele ordena.

JAN: Diga, Das Dor.

. Das Dor levanta o rosto para ele. Enxuga as lágrimas com a mão. Respira fundo.

DAS DOR: No depósito de barco lá no fim da praia grande.

. Jan se volta imediatamente e sai correndo pela porta.

. Das Dor olha em direção a porta, Isabel também. Isabel olha para Das Dor, Das Dor se volta para prosseguir o trabalho, fala quase para si mesma.

DAS DOR: Agora já tá feito.

ISABEL: Porque é que você contou?

. Das Dor se volta, colhida de surpresa, sem saber bem o que responder.

DAS DOR: Era um ou outro.

. Isabel olha perplexa para Das Dor um instante, tentando entender.

. Com naturalidade Das Dor continua arrumando a bandeja.

71. EXT DIA PRAIA

. O depósito de barcos. O carro de Jan entra em campo e para. Atrás dele, sirene ligada, o carro da polícia para também. Jan desce com Jipe. O cachorro corre para dentro do prédio latindo muito. O delegado, o inspetor Almeida correm para a porta, dois soldados correm para a parte de trás. Eles somem dentro do barracão, Jipe já não late. Panorâmica para Jan: parado na areia, sozinho, cabelos agitados no vento ele espera, tenso.

. A porta do barracão se abre de golpe, saem dois soldados, prendendo os braços de Tobias dobrados para trás. Ele está sujo, barbudo, uma figura miserável, indefesa e amedrontada, apesar de seu tamanho. O cachorro brinca em torno deles. Tobias resiste, tentando soltar-se, mas assim que vê Jan sua expressão se modifica, ele para.

. Parado na areia Jan olha para ele.

. Tobias sorri confiante para Jan, grunhe, tenta caminhar em sua direção. Os soldados o detêm, ele resiste, luta. Os soldados o dominam e o arrastam para fora do quadro, enquanto ele estica o corpo grunhindo para Jan. O delegado segue atrás deles, guardando o revólver no

O inspetor para e olha para Jan.

. A zoom fecha sobre o rosto de Jan que olha à frente, sem nada ver, perturbado, conturbado, absolutamente sozinho.

72. INT DIA SALA

. Rupert e Isabel conversam junto da mesa onde o almoço está servido.

RUPERT: Why was he shouting?

ISABEL: I don't know. He's an explosive man, yes. But there was no reason for shouting. Poor Das Dor was very nervous.

RUPERT: Do you think they will catch the man, what's his name?

ISABEL: Tobias. Yes, I think ~~they~~ ^{he} will. You did not meet him, but he was really frightening. I can't understand why Jan has allowed him to stay here.

Das Dor entra e espera ordens.

ISABEL: Das Dor, acho que nós vamos esperar o Jan para almoçar.

Das Dor avança para a mesa e recolhe as travessas. Volta para a cozinha.

RUPERT: She's upset.

ISABEL: Yes, she is. But I don't think it's only because of Jan being rude. She knows something.

RUPERT: Like what?

ISABEL: I don't know.

Sentam-se na sala.

RUPERT: She doesn't seem to like you very much.

ISABEL: No. I don't think she does. But she used to, you know? She's with us for quite a long time now.

Rupert sorri.

RUPERT: Funny how you say "us" sometimes.

ISABEL: I'm sorry. I just meant she...

RUPERT: Don't worry. I'm not jealous.

Ela se curva e beija-lhe o rosto levemente.

ISABEL: Rupert, do you think she loves him?

RUPERT: Who? Tobias?

ISABEL: No, Jan.

RUPERT: Ohhh... You're fantasyzing.

ISABEL: Perhaps I am. But I do think she gives him the eye sometimes.

73. INT DIA DELEGACIA

. Um policial datilografa, sentado à mesa, o delegado por trás da cadeira, orientando-o. Inspetor Almeida fala ao telefone, gritando por causa da má ligação interurbana. Por trás deles Jan, encostado à parede, imóvel, olhando fixamente para a frente, imerso em pensamentos. A zoom fecha lentamente sobre ele.

ALMEIDA: Ahn?... É, isso pegamos o homem... Como é? Não, não. Eu preciso da autorização esta semana...

Panorâmica na direção do olhar de Jan até enquadrar um longo corredor quase escuro. Lá, ao fundo, pela porta aberta, vê-se Tobias sentado, as mãos algemadas pendendo entre as pernas, impotente, olhando o vazio.

Enquanto isso a voz de Almeida continua off:

ALMEIDA (off): Muito bem... eu espero até o fim da semana. Deixo ele aqui no xadrez. Tá bem. Té logo.

74. INT DIA SALA

. De pé no meio da sala o inspetor Almeida fala tentando parecer importante.

ALMEIDA: O interrogatório vai ser muito difícil, quase impossível. Mandei buscar um especialista naquela linguagem de surdo-mudo, com as mãos, mas o Tobias sabe muito pouco.

. A Câmera se afasta de seu rosto e descreve uma lenta panorâmica pelos presentes: Jan parado ao lado dele, muito deprimido, perturbado, Isabel que ouve interessada, Rupert recostado ao sofá observando mais os maneirismos do homem do que o que ele diz.

ALMEIDA: A última chance é esperar a mocinha acordar. Só ela é que pode confirmar a suspeita. se acordar, não é?

A panorâmica chega em Das Dor. Ela está muito perturbada, afastada dos outros, diante da porta da cozinha. É a única genuinamente preocupada com a situação.

ALMEIDA: Mas a minha função aqui é outra e eu não quero incomodar...

Das Dor finalmente se decide a entrar para a cozinha.

75. INT DIA QUARTO DE DAS DOR

. Ela entra decidida, avança até a mesa de cabeceira e volta.

. Close da gaveta: as mãos de Das Dor hesitam, finalmente abrem a gaveta. Dentro há uma caixinha de madeira. Com a ponta do dedo Das Dor empurra a tampa, a zoom fecha para o interior: a correntinha com a estrela prateada.

76. INT DIA SALA

. Nas mesmas posições os três ouvem Almeida.

ALMEIDA: Vai ser muito rápido. Dadas as circunstâncias é só mesmo pro-forma, mas não posso dispensar a identificação.

Das Dor surge na porta da cozinha com um embrulho na mão e para, olhando. Almeida se volta para ela. Ela avança até ele, estende-lhe a trouxa. A zoom fecha para enquadrar apenas os dois.

DAS DOR: O senhor podia levar pro Tobias?

. Almeida olha intrigado para Das Dor.

. Muito nervosa Das Dor aguenta o olhar, ansiosa.

DAS DOR: O irmão dele é que mandou pra ele.

. Os dois se olham um instante, Das Dor se volta para Jan e vai embora.

. Jan reage ao olhar com um ligeiro e quase imperceptível tremor, acompanha Das Dor com o olhar, depois olha para o Inspetor.

. Do sofá, muito atenta, Isabel segue todos os movimentos, concentrada, pensando. Ela percebe a reação de Jan, levanta-se.

ISABEL: É só isso então, inspetor?

. Parado no meio da sala Almeida volta-se para ela.

ALMEIDA: É só.

Isabel entra em campo, para diante dele.

ISABEL: Então, se o senhor nos dá licença, nós ainda não almoçamos.

Imediatamente o inspetor se dispõe a sair, estende a mão para ela.

ALMEIDA: Perfeitamente. Até amanhã, então.

Ela aperta sua mão e o conduz até a porta. Ele acena com a cabeça para os outros e sai. Isabel fecha a porta e se volta, tentando aliviar o ambiente, olhando para Jan.

ISABEL: Well, it's over now.

. Jan ainda está imóvel, o olhar parado.

JAN: Você sabia que eles estavam vigiando a casa?

. Isabel desvia os olhos para Rupert.

. Rupert olha para ela do sofá.

. Isabel volta a olhar para Jan, aproxima-se dele.

ISABEL: Eu sabia.

Jan como que desperta de um choque, surpreso.

JAN: E porque é que você não me disse?

ISABEL: Porque eu sabia que você ia entrar em pânico.

JAN: Eu não entrei em pânico...

ISABEL: Porque eu não te contei. Jan, você já passou por isso uma vez. E agora não era nada com você. Eles queriam era encontrar o... o lobisomem. Estavam vigiando a casa, não você.

Jan não responde. Olha para ela em silêncio durante algum tempo, passa as mãos pelo rosto. Olha para Rupert no sofá.

. Rupert, absolutamente alheio apenas olha, sério.

. Jan volta a olhar para Isabel.

JAN: Eu vou andar um pouco.

Passa por Isabel que o seguiu com o olhar, abre a porta e sai. Ouve-se um assobio lá fora e latidos do cachorro. Isabel se volta e caminha até o sofá, panorâmica com ela que se senta ao lado de Rupert.

RUPERT: What was all the Portuguese about?

ISABEL: Oh, God! Someone told him we have been watched. It stired up all his memories. Poor Jan...

RUPERT: Isabel, maybe this was not the right moment to come.

. Das Dor entra da cozinha e para à porta.

. Isabel se volta para ela.

ISABEL: Pode servir o almoço Das Dor. O Jan saiu. Acho que não vai almoçar.

Ela se volta de novo para Rupert.

ISABEL: Why do you think so? I think it couldn't be better. All this awful situation is working for us. We have to take him out of ^{here} ~~here~~ as soon as we can.

RUPERT: Why don't we just invite him straight forwardly?

ISABEL: That's what I have been doing in all my letters, for six years. We've got to make him feel active again. And you're the one that can do it. All I could do was try to lure him with my charms, but it is you I love.

Ela se curva sobre Rupert, ele desvia o corpo sorrindo.

RUPERT: Oh, no. No dirty games. All right. I'll try. But I don't feel like staying here long. You know I have my own work waiting for me.

ISABEL: Yes, I know dear. Poor little Rupert.

Ela segura seu rosto e os dois se beijam.

. Das Dor junto da mesa deixa cair com ruído os talheres e volta para a cozinha olhando reprovadoramente.

ESCURECIMENTO

77. INT DIA DELEGACIA

. Sentado a uma cadeira Tobias se debate, sendo contido por dois policiais.

. Close de Das Dor, encostada à parede oposta, olhando profundamente emocionada para Tobias. Começa a chorar. Sempre em close fechado uma lenta panorâmica para Tibúrcio, o irmão mais velho a seu lado, olhando com a expressão branca, vazia, distante. A panorâmica prossegue para Turíbio a seu lado, mordendo o lábio inferior, tenso, frágil, tentando parecer enérgico. Em seguida sua mulher, com a criança no colo. A criança com o dedo na boca, escondendo o rosto no pescoço da mãe, a mulher mal ocultando um sorriso quase satisfeito, cruel. A panorâmica continua pela parede branca, vazia, até Jan, os olhos febris no rosto cansado, perturbado. Ele desvia o olhar até a porta, a panorâmica segue na mesma direção pela parede vazia até a porta. Isabel entra, de óculos escuros e olha para onde Tobias deve estar, Rupert por trás dela.

. Tobias se debate furiosamente, grunhindo, quase chorando, mas enxerga Isabel e se aquieta imediatamente. A zoom fecha até close muito fechado de sua expressão fascinada.

. Rupert e Isabel olham para ele. Rupert boquiaberto, perplexo, encarando-o firmemente. Isabel olha um

instante, desvia o olhar, arranja os óculos, um pouco perdida, incomodada, sem conseguir encarar o "monstro". Finalmente, sai de campo. Rupert olha um instante mais e a segue, saindo de campo também.

. Na cadeira Tobias, mais calmo, grunhe, pateticamente, na direção da porta.

. A mesa do delegado em outra sala. Jan, Rupert, Turíbio e a mulher e Tibúrcio esperam um pouco afastados. Isabel termina de assinar e vai ao encontro deles. Das Dor assina em seguida, já controlada, dura.

. Ela assina cuidadosamente. Levanta os olhos para o inspetor.

. Por trás da mesa o inspetor levanta os olhos do papel para ela.

. Das Dor hesita, parece querer dizer algo, engole em seco.

. O inspetor a encara.

. Das Dor olha e se afasta sem nada dizer.

78. INT/EXT DIA CARRO/CIDADE

. O carro corre pelas ruas da cidadezinha. No banco de trás Rupert e Isabel, mudos. A zoom abre um pouco para revelar o banco da frente: Jan dirige em silêncio, Das Dor muito dura e empertigada sentada a seu lado, olhando em frente, piscando duro.

79. INT NOITE SALA

. Close das mãos de Isabel que descascam uma laranja sobre uma mesa de jogo onde as cartas estão arranjadas

ao lado de cinzeiros cheios, copos e uma garrafa quase vazia. A zoom abre lentamente até revelar Jan, Rupert e Isabel reunidos em torno de uma mesa pequena num canto da sala, Jipe deitado no chão. Estão todos meio bêbados, rindo excessivamente, de uma história qualquer que Rupert conta entrecortada pelo riso convulsivo. A história termina e eles quase morrem de rir.

80. INT NOITE HOSPITAL

. Close muito fechado de uma agulha enfiada na veia do braço, injetando o líquido. A zoom abre para revelar Penha na cama, a enfermeira curvada a seu lado aplicando a injeção, o médico parado, mãos nos bolsos, olhando. Das Dor numa cadeira ao lado da cama, abatida, tensa, segurando a mão de Penha. A enfermeira termina a injeção, o médico aperta amigavelmente o ombro de Das Dor e os dois se retiram. Das Dor fica.

. O rosto de Penha, desfalecido sobre o travesseiro, ligeiramente arqueada para trás, as marcas já quase invisíveis no pescoço, respirando com dificuldade, um tubo de oxigênio pregado com esparadrapo no nariz, as pálpebras tremendo muito.

. Das Dor olha fixamente para o rosto da irmã, os lábios se movendo quase imperceptivelmente na oração muda.

. Travelling se afasta lentamente pelo corredor, deixando as duas já ao fundo da enfermaria, onde todos dormem, só o abajur ao lado de Penha recorta as silhuetas silenciosas.

81. INT NOITE QUARTO DE JAN

. Deitado na penumbra do quarto ele não dorme, olhos abertos, ouvindo o ruído que Rupert e Isabel fazem antes de deitar: palavras esparsas, risos, gavetas que se fecham, risos. Irritado ele se mexe na cama, procurando uma posição, descarregando a violência nas cobertas que agita. Os ruídos cessam, Jan relaxa aos poucos, se imobiliza, fecha os olhos. A zom fecha lentamente sobre seu rosto, ele dorme.

82. INT DIA PAREDE BRANCA

. De repente Jan alça o corpo, espirrando água para todo lado, respira com muito ruído, sufocado e olha à frente, ofegante, o terror estampado no rosto.

. Ponto de vista de Jan: o inspetor Almeida com expressão caricatamente cruel aproxima-se de seu rosto, falando rapidamente, ameaçador. Não se ouve o que ele diz, apenas a respiração ruidosa de Jan. O inspetor aproxima o punho cerrado, ameaçadoramente.

. Jan, pingando água, respirando com dificuldade. Mãos de homem surgem e empurram sua cabeça de novo para baixo, mergulhando-a num balde. As mãos o sustentam pela nuca com a cabeça mergulhada na água. Ele começa a se debater, mais e mais, fazendo transbordar a água do balde. Com um repelão mais violento ele se afasta e sai correndo.

. Uma parede branca com três portas: uma de treliça deixando ver a luz que tem do outro lado, outra de madeira e a terceira de aço, como um cofre forte com

fechaduras numeradas. Jan entra correndo, molhado, as mãos amarradas. Passa pelas duas primeiras portas e se joga contra a última. Apesar do aspecto sólido ela se abre, Jan se lança para dentro.

. Uma escada em caracol: Jan desce apressadamente, muito molhado.

. Outro lance da escada: Jan desce muito apressado, as mãos amarradas, pingando água.

. Outro lance: Jan desce correndo.

. Um porão sombrio, de paredes úmidas e descascadas, teias de aranha pelos cantos. Jan entra em campo andando mais calmamente, deixa-se cair, cansado, levantando nuvens de poeira. Só se ouvem seus passos que ressoam, sua respiração. Soam latidos fortes.

. Jan levanta a cabeça molhada, com medo.

. Prêso por uma grossa corrente na parede Jipe salta e late, tentando soltar-se, Jan chega a seu lado.

. As mãos amarradas com muita dificuldade trabalham na corrente e finalmente conseguem solta-la.

. Jipe se solta da corrente e corre. Jan tomba em seu lugar, sem vida.

83. INT DIA ESTÚDIO

. Isabel caminha ao longo das estantes lendo as lombadas dos livros, detendo-se num ou noutro. A câmera a segue num close.

JAN (off): The queen gets special food. She's the fertile one. She mates with all the males in the hive, but they only mate with her.

Sem se deter e sem se voltar Isabel comenta:

ISABEL: Hum, that's sexy.

. Rupert, sentado no sofá, cercado e quase coberto por folhas soltas cheias de anotações, olha ligeiramente para Isabel, sorri.

JAN (off): The main function of the males is to fertilize the queen. After the mating-flight he dies, he's not necessary anymore.

. Diante do quadro negro cheio de anotações Jan continua sua preleção.

JAN: Then, there's the worker. She is sexless.

All she does is work, collecting the pollen, ~~feeding~~ ^{feeding} the hive, producing wax and honey and taking care of the eggs and larvae. This last activity determines the high level of evolution of the bees, that corresponds among invertebrates to the level man has reached among the vertebrates. It's called altruism.

Ele volta a cabeça, sobressaltado.

. Isabel retirou um livro da estante, corre algumas páginas e volta a colocá-lo no lugar, segue até o sofá e senta-se ao lado de Rupert, atenta a Jan.

JAN: Now we come to the part that may be interesting to you. Sexual determination. The male individual has a mother, but has no father, although he has a grand-father.

. Isabel se interessa e interrompe.

ISABEL: Como é que é?

. Jan sorri, senta-se à mesa.

JAN: It's like this. Do you follow me, Rupert?

RUPERT (off): Yes.

JAN: When a bee lays an unfertilized egg, she will have a son, a male, OK?

ISABEL (off): Hum...

JAN: But she, the mother, was produced by a fertilized egg. And thus she has a father. So, her son is produced by an unfertilized egg, no father, but he has a grandfather, because his mother has a father. Right?

. Apoiada ao ombro de Rupert ela franze a testa, pensando.

ISABEL: Yes. If you say so, professor.

LENTA FUSÃO PARA:

84. EXT DIA JARDIM

. Close up: um favo coberto de abelhas em atividade, a mão enluvada entra em campo com uma pinça e colhe um dos insetos. Uma outra mão entra em campo e com uma ponta de metal, coloca uma marquinha branca na cabeça do inseto.

LENTA FUSÃO PARA:

85. EXT DIA CAMPO

. Um campo florido. Jan, Rupert e Isabel caminham entre as flôres, procurando. Jipe observa, sentado entre as plantas.

. Uma flor, sôbre ela uma abelha marcada. Panorâmica em close revela Rupert curvado sôbre ela anotando numa pasta o número que a abelha tem nas costas.

. No meio das flôres Isabel se agita, corre e grita. Rupert e Jan riem enquanto ela foge da abelha, Jipe saltando e latindo.

LENTA FUSÃO PARA:

86. INT DIA ESTÚDIO

. Através do microscópio a microcirurgia de uma abelha.
Sobre as imagens a voz de Jan.

JAN (off): That mechanism of sexual determination is called masculin haploidy or haplo-diploid system. Well then, you know some genetics so you'll know that sex is determined by a group of masculine genes balanced with feminine genes. In men, there may be around six masculine genes, perhaps less in the cromossome Y, and men also have a cromossome X with feminine genes. But, once the masculine genes dominate the feminine the individual will be a male. In women we have a double load of feminine genes, because females don't have the cromossome Y.

RUPERT (off): So, could I jump to the conclusion that in a way we're all sort of neutral and that sexuality is determined only by as few as six genes in cromossome Y?

87. INT DIA ESTÚDIO

. Jan se apruma por trás da mesa, continuando o diálogo.
Rupert no sofá, segura na mão um calhamaço de anotações.

JAN: Wait a minute, what's that again?

RUPERT: Hum... Forget it. I was just thinking that if that was so, I could easily expand the concept and aply it to primitive societies. Human.

Jan se levanta, dá volta à mesa, encosta-se a ela.

JAN: Wait, wait, wait. I don't follow you.

. Rupert se deixa cair para trás no sofá. Sorri.

RUPERT: Never mind dr. Jan. I was just... you know?

Ele se senta de novo, segura na mão as anotações.

RUPERT: How extraordinary. I feel all this has something to do with my thesis but I can't get hold of it.

. Jan se desencosta da mesa e volta a sentar-se na cadeira.

JAN: Give it some time so settle down. Then it will come by itself. Now, are you tired?

RUPERT (off): No, not at all.

JAN: Shall we go on, then?

. Rupert demora a responder, pensando. Coloca de lado as anotações, sobre o sofá.

RUPERT: Before we go on, could I ask you a question?

. Jan

JAN: What is it?

. Rupert

RUPERT: You're not allowed to publish anything over here, are you?

. Jan

JAN: No.

. Rupert

RUPERT: And you cannot teach or...

. Jan

JAN: No, no. I cannot. All I'm allowed to do is work in peace and quiet, here, at home.

. Rupert se levanta e aproxima-se da mesa, apoia a perna sobre ela, olhando Jan.

RUPERT: Can't you leave the country?

JAN: Yes, I could, if I wanted to.

RUPERT: So...

Jan se agita, levanta-se caminha até um canto da estante.

JAN: Listen, Rupert, I don't want to talk about that.

. Da mesa Rupert olha para ele.

RUPERT: I'm sorry. I was just thinking it is a great pity to confine such good work as yours within such narrow borders. Although I'm in another field I know people like professor Walker, for instance, would be enthusiastic about your ideas.

. Irritado, mas controlando-se ao máximo, Jan atravessa o estúdio até o quadro negro, panorâmica acompanha-o

JAN: Rupert, this is the sort of talk Isabel gives me in every single letter she writes. What is this? A missionary's conspiracy to save a poor old scientist fallen in disgrace?

. Chocado com a crescente irritação de Jan, mas sem deixar de sorrir da ironia, Rupert se levanta, incomodo.

RUPERT: I'm sorry, sir, I didn't mean to...

. Subitamente Jan perde o controle e quase grita.

JAN: And cut off that "sir" when you talk to me.

. Rupert olha, pensando, faz uma pausa para acalmar.

RUPERT: All right... sir.

. Frente a frente no estúdio desarrumado os dois de repente quebram a tensão e riem. Jan avança até Rupert, bate-lhe no ombro, amigável e o conduz até o sofá.

Sentam-se ambos.

JAN: I'm sorry, Rupert. I'm nervous. I'm lonely man and all of a sudden I had a lot of agitation.

It's not easy to have a werewolf in the backyard. And then Isabel and you are here. I'm very glad for that. I did not realize how much I needed some company. I'm feeling a sort of strange strength in coming back to work.

Jan pousa a mão em sua perna, amigável.

JAN: I hope you forgive me these sudden bursts of temperament. It's my baser side in action, I guess.

Os dois sorriem lado a lado no sofá.

88. INT NOITE QUARTO DE DAS DOR

. Sentada em sua cama, imóvel, olhando fixamente a um ponto, Das Dor pensa.

89. INT NOITE QUARTO GRANDE

. Recostada na cama, Isabel lê um livro à luz do abajur. Rupert chega até ela, beija-a no rosto.

RUPERT: Hello. I thought you were sleeping.

ISABEL: Oh, I'm too bored to go to sleep.

Rupert se senta ao lado dela na cama.

RUPERT: OK, let's leave then...

Isabel se senta ao lado dele.

ISABEL: Did you talk to him?

RUPERT: Yes. And I think it's no use. He would rather have us staying here for good than leaving the place.

Isabel respira fundo, entediada, caminha para fora do quadro. Rupert a segue com o olhar.

RUPERT: Isabel, I think we should call it a failure and withdraw.

. Diante do espelho Isabel escova os cabelos.

ISABEL: Oh, I'll never forgive myself if I ~~don't~~ don't try.

. Rupert se levanta da cama e caminha até ela.

RUPERT: Oh, come on. Don't be dramatic. We did try, but after all he's an adult man. We can't just decide for him.

Ela levanta os olhos para Rupert no espelho, para de escovar, sorri.

ISABEL: Poor you. You're tired, aren't you?

Rupert se senta à borda da penteadeira.

RUPERT: Yes, to be frank, yes, I'm tired. It's a very strange situation, Isabel.

90. INT NOITE CORREDOR

. Jan avança da sala em direção ao seu quarto. Ao passar pela porta entreaberta ouve a voz de Rupert e se detém para ouvir.

RUPERT (off): We're always connecting in pairs. When I'm with him you're left out. When I'm with you, he gets a big strange. And I can't be jealous when you two are together, speaking Portuguese...

ISABEL (off) (ri): Oh, you are jealous then...

Jan se encosta à parede para ouvir, começando a se perturbar pelo que escuta.

RUPERT: He's strange, Isabel. When I try to talk about my work, to draw connections with his work, he just listens politely and then goes on talking about bees.

ISABEL (off): Isn't it interesting?

RUPERT (off): Yes, it is. But I haven't got much to do with all that. He talks to himself...

Jan se perturba, contrai o rosto, irritado, caminha pelo corredor até seu quarto, entra, mas para e encosta-se à porta do lado de dentro. Tudo que se vê é o seu perfil por trás do batente, ouvindo numa perturbação crescente.

RUPERT (off): He's doing magnificent work, as far as I can judge. But he's been working on one and the same thing for all these years. It seems he's afraid to finish it. He keeps rolling the same ideas back and forth...

Jan se irrita muito e bate a porta.

91. INT NOITE QUARTO DE JAN.

. Encostado à porta fechada Jan está extremamente perturbado, suando, quase trêmulo, bate na parede com a mão fechada e abre a porta novamente.

RUPERT (off): Yes, I think we should leave. As soon as possible.

ISABEL (off): All right then. But I want to wait for a couple of days more, ok?

RUPERT (off): OK.

. Close de Jan com o rosto encostado ao batente da porta, extremamente abandonado, os olhos brilhantes de desespero. Ele segue ouvindo os dois que se beijam no outro quarto, encerrando a discussão, murmurando palavras que não se ouve. Lentamente ele avança, mas antes de chegar à porta do quarto dos dois, volta um passo e apaga a luz do corredor. No escuro, avança até a porta e olha.

92. INT NOITE QUARTO GRANDE

. Pela fresta da porta vê-se Rupert e Isabel nus na penumbra do quarto, se amando sôbre a cama.

. Na estreita faixa da porta entreaberta Jan espia, suado, agitado, contendo o ruído da respiração ofegante.

. Na cama Isabel e Rupert terminam e ficam deitados, abraçados.

93. INT NOITE QUARTO DE JAN

. Jan caminha de um lado para outro, quase fora de si, pensando, passando as mãos pelo rosto, pelos cabelos, suando muito, quase sem fôlego. Ele arranca a camisa com gestos violentos, fazendo saltar os botões. Senta-se na cama, arranca os sapatos e tira as calças com muita violência.

. Nu, sentado à beira da cama, as costas curvadas, derrotado e solitário, Jan respira com dificuldade. Estende o braço, apanha um vidro sôbre a mesa de cabeceira, vira-o na mão, está vazio. Ele fica com o vidro na mão, girando-o algumas vezes. Por fim, com gesto raivoso, atira-o longe. Põe-se de pé, sai de quadro.

94. INT DIA BANHEIRO

. O espelho do armário sôbre a pia. Jan entra em campo, vai abrir a porta e dá de cara com a própria imagem.

Encara-se um instante, mas abre a porta com gesto brusco, evitando se ver. Vidros e objetos caem de dentro sôbre a pia. Ele olha para a pia.

. Suas mãos pegam os objetos que caíram: escôvas de dente, pente, vidros de remédio, recolocando-os no armário. Sobre a pia branca, sobra uma gilete. As mãos de Jan se apoiam na pia. Panorâmica para seu rosto, olhando fixamente a gilete, sério e concentrado. Por fim ele ri de si mesmo e da idéia ridícula. Destampa um vidro, toma alguns comprimidos, curva-se.

. Encosta a boca à torneira, bebe água. Olha novamente a gilete, sorrindo. Apanha-a com a ponta dos dedos e sai de campo.

95. INT NOITE CORREDOR

. . No corredor escuro Jan caminha em direção à sala, olhando para a gilete presa entre os dedos. Ao se aproximar da câmera vê-se sua estranha expressão na penumbra, sorrindo, olhando fixamente a lâmina.

96. INT DIA SALA

. Jan caminha pela sala e deixa-se cair sentado na poltrona. Ali fica no escuro.

. Close muito fechado. Ele olha à frente, o olhar brilhante, profundamente perturbado e febril, a boca presa num rictus que imita um sorriso cruel.

. Close: sua mão pousada no braço da poltrona segura ainda a lâmina. Muito lentamente, a mão se alça com estudada calma corta o estofamento, fazendo aparecer o recheio que salta como os lábios de uma ferida.

. Close excessivamente longo de Jan que olha à frente com a mesma expressão esgazeada, lutando contra o efeito do remédio que tomou, se esforçando por manter as pálpebras abertas.

ESCURECIMENTO

97. INT DIA. DELEGACIA

. Manhã muito cedo: o delegado boceja por trás da mesa enquanto examina o conteúdo de um pacote aberto sobre a mesa: sanduíches, frutas, uma revista de esporte, um maço de cigarros. Sem refazer o pacote ele enrola tosammente o papel nos objetos e estende o pacote. Uma mão entra em campo para apanhar. Panorâmica pelo braço que apanha o pacote até revelar Das Dor diante da mesa, muito estranha, concentrada e pensativa, misteriosa ela segura com a mão livre a gola da blusa junto ao pescoço. O delegado indica-lha a porta e ela passa.

. As grades da cela suja: Tobias sentado em frente olha. Das Dor entra em campo e cobre a sua imagem. Ele vem até ela, muito grande.

. Através das grades Das Dor passa para ele os sanduíches, as frutas, a revista enrolada nos cigarros. Ele coloca tudo nos bolsos e começa imediatamente a comer um sanduíche, olhando, grunhindo e sorrindo agradecido para Das Dor.

. Do outro lado das grades Das Dor olha-o comendo, volta-se ligeira e cautelosamente para ambos os lados por cima dos ombros e abre a gola da blusa. A zoom fecha sobre a correntinha em seu pescoço com a estrêla prateada.

. Tobias come satisfeito, a boca muito cheia e não dá mostras de ter percebido a corrente com a estrêla.

. Nervosa e amedrontada diante das grades, Das Dor olha fixamente para ele, volta a olhar de ambos os lados agitada. Olha para Tobias e meze na estrelinha com os dedos, mostrando-a para ele.

. Tobias come de boca aberta, sorrindo satisfeito.

. Por trás das grades, Das Dor ainda mais ansiosa parece querer forçá-lo a reconhecer a correntinha. Um guarda chega ao lado, ela fecha rapidamente a gola da blusa, escondendo a corrente e se afasta, seguida do guarda.

. Por trás das grades Tobias volta a se sentar, segura o sanduíche com a boca, atira o maço de cigarros para outro prêso sentado no chão, abre a revista e se acomoda infantilmente.

98. INT DIA QUARTO GRANDE

. Isabel desperta e se volta, estende o braço nu para o lugar de Rupert. Ele não está. Ela se senta, ajeita os cabelos, alcança um cigarro e cobre o seio com o lençol.

99. EXT DIA JARDIM

. Com os macacões protetores, Jan e Rupert mexem com as abelhas. A zoom fecha lentamente para o jardim e acompanha Das Dor que vem chegando com a sacola de compras. Ela entra na cozinha.

100. INT DIA COZINHA

. De pé ao lado do fogão Isabel toma uma xícara de café. Está de blue jeans e bustier, um lenço nos cabelos. Das Dor passa por ela e coloca as sacolas na mesa.

ISABEL: Eles saíram?

. Das Dor esvazia as sacolas sobre a mesa.

DAS DOR: Não senhora. Tão aí no fundo mexendo com as abelha. Não sei o que tanto tem de fazer com os bichinhos... Quer que eu vá chamar?

Isabel chega até a mesa e apanha uma fruta.

ISABEL: Não, não precisa. Eu vou sair um pouco e comprar umas coisas.

Das Dor continua ocupada guardando as compras, Isabel observa-a um momento, pensando.

ISABEL: Tua irmã melhorou?

. Sem parar de trabalhar Das Dor responde sem olhar para ela.

DAS DOR: Ché! Tá na mesma. Aquele chove não molha, me chamam correndo, eu chego lá ela se mexe um pouco, chora um pouco e continua dormindo. E os polícia feito urubu na carniça. Parece que eles sempre sabe a hora que ela vai acordar.

Das Dor está irritada, arranja os cabelos, sempre sem olhar para Isabel, dependura as sacolas atrás de um armário e coloca o avental.

. Isabel observa, penetrante, percebendo o estado de nervos de Das Dor.

ISABEL: E o Tobias?

. Das Dor estaca momentaneamente, recobra o controle em seguida e volta à atividade junto à pia.

DAS DOR: Tá na cadeia. A senhora viu.

. Isabel olha, inquisidora.

ISABEL: Você não soube de nada?

. Das Dor lava a louça sem olhar, seca e contraída.

DAS DOR: Só sei que o lobisomem não atacou mais depois que prenderam ele.

. Isabel morde a fruta, sem tirar os olhos da outra.

ISABEL: Das Dor, você vai sentir falta quando o Jan for embora, não vai?

. Das Dor perde o controle, derruba uma xícara ao se voltar bruscamente.

DAS DOR: Ele não vai embora.

. Isabel olha surpresa, perplexa por um instante. Mas sorri.

. Das Dor fica muito atrapalhada, desvia os olhos e se abaixa para catar os cacos.

. Os cacos no chão, Das Dor curvada os recolhe. Os pés de Isabel passam e saem de campo. Das Dor se levanta um pouco a cabeça e olha-a afastar-se. Depois volta à atividade com gestos nervosos.

101. INT/EXT DIA CARRO/CIDADE

. Jan dirige, Rupert a seu lado. Olham a cidade que roda devagar.

JAN: So, you're leaving?

. Rupert se volta para ele, surpreso.

RUPERT: How do you know?

. Jan sorri, responde sem olhar para ele.

JAN: Oh, it's quite an easy guess. You have your own work. I can't expect you to stay here forever, can I?

. Os dois rodam um instante em silêncio. Finalmente Rupert se volta para ele.

RUPERT: ~~D~~ You do know why we came to see you, don't you?

JAN: Yes... yes, I knew from the beginning.

RUPERT: So? Why don't you come with us?

JAN: Look.

Rupert se volta para olhar: Isabel está saindo de uma loja e caminha pela rua. Jan diminui a marcha e os dois a seguem em silêncio um instante. Finalmente Jan fala, sem se voltar:

JAN: You love her, don't you?

RUPERT: Yes. ... I love her.

JAN: Yes, yes. She's a lovely woman.

Isabel entra numa farmácia. Jan acelera mais o carro, volta-se para Rupert.

JAN: You're very lucky, you two.

E continuam rodando em silêncio.

102. INT DIA FARMÁCIA

. Isabel se movimenta com desenvoltura diante do balcão, olhando a vitrine. Por trás do balcão a servidora adolescente observa todos os movimentos dela, atentamente.

. Um pouco afastada, por trás da caixa, uma gorda senhora faz tricô e observa Isabel também, por cima dos óculos.

. Isabel finge não notar e estende o dinheiro à menina.

ISABEL: É só isso. Você pode mandar entregar pra mim, eu tenho que comprar outras coisas.

. A adolescente morde o lábio, tímida, quase amedrontada.

ADOLESCENTE: Ah, lá na casa a gente não entrega, não, senhora.

. Isabel olha surpresa para ela.

ISABEL: Mas porque? Não é tão longe assim.

. A menina.

ADOLESCENTE: Ah, mas lá agente não entrega não.

. A gorda já está descendo do banquinho, tirando os óculos, o tricô embaixo do braço, avança pesadamente até elas, empurra a menina.

GORDA: Deixa que eu atendo menina, vai pra dentro vai.

Ela olha longamente para Isabel, examinando-a.

. Pouco a vontade Isabel aguenta o olhar.

. A gorda afaga o próprio pescoço.

GORDA: A senhora é mulher do dr., não é?

. Isabel vai negar, mas hesita achando a história muito complicada para explicar, decide e responde.

ISABEL: Sou.

. A gorda olha.

GORDA: É. Eu lembro da senhora. Já faz bastante tempo, não é?

. Isabel se impaciente

ISABEL: Então vocês entregam?

. A gorda dá a volta ao balcão e chega ao lado de Isabel, falando.

GORDA: Entrega lá não dá.

Ela se curva e fala ao ouvido de Isabel.

GORDA: A senhora não repare, mas depois que aconteceu tudo aquilo com a Penha e com a outra, as mocinha todas tem medo até de passar em frente.

Isabel se interessa, sorrindo internamente, deixando-se envolver. Fala baixinho também como se fôsse segredo.

ISABEL: Aconteceu o que?

GORDA: A senhora sabe...

ISABEL: Não, não sei. Eu cheguei outro dia.

A gorda olha de lado, curva-se mais, apoiada ao braço de Isabel cochicha.

GORDA: O lobisomem.

ISABEL (cochicha): O que tem?

GORDA: Morava lá.

ISABEL: Mas ele já foi prêso.

. A gorda dá por encerrado o segredo, volta ao balcão, vê a menina que espreita da porta.

GORDA: Vai pra dentro, menina.

A menina some, a gorda se coloca diante de Isabel, por trás do balcão.

GORDA: Olha, a gente nunca sabe. A senhora desculpe, mas aquela casa é meio esquisita. Tem as abelha também...

. Isabel pretende inocência, estimulada pela investigação.

ISABEL: Que abelhas?

GORDA: As africana. Todo mundo diz que ele usa elas pra experiência. E esses bicho mata. Atacaram o cachorrinho da dona Ivete, precisa de ver a ju-dição...

ISABEL: Mas aquelas não são africanas.

GORDA: É o que dizem. A pobre da Das Dor...

A gorda se cala, atrapalha-se, sentindo que está falando demais.

. Isabel intrigada resolve ir até o fim.

ISABEL: O que tem a Das Dor?

GORDA: Sabe, dona, a gente não gosta de falar mal de ninguém. Mas ela sozinha lá naquela casa, entra ano sai ano, ela e o doutor lá sozinho, não sei não. Até o pai dela, coitado tinha de

morar com a Penha... A senhora desculpe, a senhora é mulher dele, mas sabe como é, o povo fala...
. Perplexa Isabel espera por mais. A gorda se cala, baixando os olhos, terminando de amarrar o pacote. Estende-o para Isabel, ela o apanha, olha ainda um instante, volta-se e sai. A gorda fica observando por trás do balcão e balança a cabeça negativamente, censurando.

103. EXT DIA CLUBE

. Jan e Rupert disputam uma partida de tênis. Estão ambos muito suados, jogando com vigor, realmente disputando.

. Rupert salta para apanhar uma bola, mas torce o pé e cai, atirando longe a raquete. Jan vem correndo e ajuda-o a levantar-se. Rupert se apóia em seu ombro, o rosto contraído de dor. Os dois saem da quadra, Jan sustentando Rupert.

104. INT DIA VESTIÁRIO DO CLUBE

. Rupert sentado a um banco de madeira, apóia o pé no joelho de Jan que, sentado a seu lado massageia-lhe o tornozelo.

JAN: Better now?

RUPERT: I guess so. A hot shower will heal that.
Jan se levanta e sai de quadro, Rupert se despe. Ouve-se o ruído do chuveiro que começa a jorrar. Jan entra em campo e ajuda Rupert a se levantar. Caminham os dois para o chuveiro, afastando-se da câmera que segue os dois numa panorâmica.

. Debaixo de dois chuveiros lado a lado os dois se banham, Rupert apoiado numa perna só, sustentando-se com a mão na parede. Ele perde o equilíbrio, Jan salta para sustentá-lo, abraça-o pelo peito, prendendo-lhe os braços.

. Close dos dois abraçados. Rupert com o rosto contraído de dor, controla-se e sorri agradecendo. Jan passa por uma transformação. Ele continua segurando Rupert, olhando-o intensamente, mergulhado em si mesmo. Rupert paralisa o sorriso, o rosto muito próximo de Jan, a água correndo sobre eles. Rupert tenta soltar-se, Jan o prende, os rostos quase se tocando.

. Abraçados, nus, debaixo da água que corre dos chuveiros, os dois se encaram. Jan aperta lentamente o abraço, levantando Rupert do chão. Rupert curva o corpo para trás, suspenso no ar, o rosto contraído de dor e solta um grito breve e muito forte.

. Jan desperta de sua perturbação. Solta-o. Rupert cai com outro gemido. Jan fica olhando, perplexo consigo mesmo, sem saber o que dizer.

. Sentado no chão molhado Rupert se levanta com esforço a água correndo pelo corpo.

. Jan não sabe o que fazer, vira as costas, fecha a água de seu chuveiro e se afasta. à medida que ele passa a zoom fecha para close de Rupert que se põe de pé, encostado à parede, acompanhando Jan com o olhar, a água correndo pelo rosto, intrigado.

105. EXT DIA JARDIM

. Das Dor estende roupas no varal. Isabel chega a seu lado levantando a ponta de um lençol.

ISABEL: Das Dor, essas abelhas são africanas?

DAS DOR: Não sei.

ISABEL: Elas nunca te morderam?

DAS DOR: É só não mexer que elas não ataca.

. Isabel olha de lado, a mão na boca, pensativa. Ela se afasta e sai de campo. Das Dor olha em sua direção e fala muito baixo.

DAS DOR: Mas é bom não chegar muito perto.

. Ao lado do tanque Isabel termina de fechar o zíper do macacão. Com expressão marota de quem vai fazer manutenção ela coloca o chapéu protetor e sai de campo.

. Com uma peça de roupa pendurada das mãos, Das Dor observa. A zoom abre rapidamente: em primeiro plano Isabel se curva sobre uma das colmeias.

. Com mão cuidadosa ela resolve levantar uma das telas e espia.

. Curvada sobre a colmeia ela espia. A zoom fecha lentamente sobre a sua nuca: a ponta da tela protetora oscila ao vento, descobrindo-a e cobrindo-a, alternadamente.

. Sobre a pele do pescoço de Isabel, por baixo da tela, uma abelha pousa.

. Isabel endireita o corpo, sentindo o contato, fica dura, pensando que fazer. Enfia a mão por baixo da tela, cuidadosamente, mas subitamente grita e num gesto brusco, arranca o chapéu e dá um passo para trás. Imediatamente um enxame de abelhas voeja em torno de sua cabeça. Ela grita e se debate arrancando o macacão.

. Diante de um lençol Das Dor volta a cabeça assustada.

. Isabel corre pelo jardim: está quase invisível sob o assédio de milhões de insetos, o corpo todo coberto pela massa movimentada.

106. IME DIA QUARTO GRANDE

. Parados no meio do quarto Jan e o médico olham para a cama.

MÉDICO: Eu aconselho a remoção imediata para um hospital maior, com mais recursos. Ela deve ser muito alérgica e a reação foi muito forte. Intoxicação em alto grau.

Panorâmica para a cama: Rupert de pé ao lado da cabeceira observa. Das Dor molha um pano na bacia com água e lava o rosto de Isabel. Ela está entumescida e arroxeada, desfigurada pelos milhões de picadas. Das Dor se levanta e sai de campo com a bacia, Rupert se senta em seu lugar, segura a mão de Isabel. Enquanto isso, o médico fala:

MÉDICO (off): Infelizmente eu vou ter de comunicar a polícia.

. Jan se volta bruscamente, muito irritado.

MÉDICO: O senhor já foi avisado antes que não podia ter abelhas africanas dentro do perímetro urbano, dr. Jan.

JAN (quase gritando): Não são africanas.

MÉDICO: Eu sinto muito doutor, mas tenho de comunicar.

Rupert se junta a eles.

RUPERT: What is it?

Jan se atrapalha, controla-se.

JAN: She has to be taken away.

. Na cama Isabel jaz inconsciente, desfigurada.

RUPERT (off): Is it serious, then?

JAN (off): Yes, yes, it is. She's under a very strong allergic shock.

107. EXT DIA JARDIM

. Rupert sobe para a ambulância, o enfermeiro fecha a porta, sobe para o banco da frente e a ambulância parte. Jipe corre atrás latindo. Jan e Das Dor ficam parados à porta, olhando. A zoom fecha até eles. Das Dor desvia os olhos e olha para Jan. Ele sente o olhar, sente-se incomodado e entra. Das Dor fecha a porta.

108. INT NOITE SALA

. Sentado em sua poltrona, absolutamente solitário de novo, Jan olha o vazio, ouvindo o silêncio da noite. A câmera se afasta dele, lentamente, isolando-o no meio da sala deserta. Jipe dormindo a seus pés. Passa-se um tempo. Das Dor entra na sala e pára a alguma distância da poltrona de Jan, por trás dele. Sem se voltar ele diz:

JAN: Pode ir deitar Das Dor. Eu não preciso de nada.

. Na penumbra Das Dor brilha os olhos, estranhamente, demora a se despedir.

DAS DOR: Boa noite.

E sai lentamente.

JAN(off): Boa noite.

Na porta da cozinha ela se volta, olha ainda uma vez para Jan e sai.

. Jan fica imóvel, na mesma posição. Respira fundo, passa as mãos pelo rosto, levanta-se penosamente. Jipe se levanta e aguarda à seu lado. Ele atravessa a sala com passo lento.

109. INT NOITE CORREDOR

. Jan caminha lentamente, acompanhado de Jipe. Passa pela porta do quarto, detém-se um minuto, olhando. E segue.

110. INT NOITE QUARTO DE JAN

. Ao lado da cama ele chega tirando a camisa, atira longe os sapatos, deixa-se cair sentado à beira da cama. Aí fica, longamente, pensando, as costas curvadas. A câmara se aproxima lentamente de seu rosto marcado, triste, profundamente contrariado até um close muito fechado. Jan começa a arquejar, os olhos pesados num torpor de solidão. De muito longe começa aos poucos a soar a canção infantil polonesa, mas sobre ela a voz de Isabel que diz:

ISABEL: E desta casa, desta cidade cheia de fantasmas, de monstros e lobisomens, você é o pior de todos...

Jan se perturba, os olhos se acendem, ele endireita o corpo, em alerta. Uma confusão de vozes começa a soar, muito baixo, embaralhadas e rápidas.

DAS DOR: Tão falando que é lobisomem...

ISABEL: E desta casa, desta cidade cheia de fantasmas, de monstros e lobisomem, você é o pior de todos...

ALMEIDA: ... seu empregado fugiu de que, dr. Jan?

MÉDICO: Sinto muito, mas tenho de comunicar a polícia.

VOZ: Dr. Jan o senhor nega ter relações com o grupo...

ISABEL: E desta casa, desta cidade cheia de fantasmas... e lobisomens.....você é..... você é o pior ...

DAS DOR: Tão falando que é lobisomem.

RUPERT: Are they really dangerous?

Sem se agitar Jan se perturba internamente mais e mais. Ele olha para Jipe deitado no chão.

. Jipe levanta as orelhas, põe-se de pé, olhando Jan.

. Jan estende a mão para o cachorro.

. Jipe recua, arreganhando os dentes, rosnando feroz, assustado.

. Jan, numa espécie de transe contido e rijo, olha as próprias mãos, virando-as no ar. Volta o corpo e olha para o espelho. A câmara acompanha seu olhar, a zoom fecha rapidamente para o espelho: seu reflexo, hirto, agarrado à guarda da cama, lentamente se transforma na figura clássica de um lobisomem. Quando a transformação se completa o lobisomem solta um urro muito forte.

. Jan (com seu aspecto normal) levanta-se da cama de um salto, urrando, as mãos no rosto. O cachorro late para ele, agitado. Fora de si Jan corre até a porta do quarto e abre-a.

. Por trás da porta, na penumbra escura do corredor há um vulto: a câmara se aproxima. É Das Dor que espera, tranquila, a estrelinha prateada brilhando no pescoço.

. Na porta do quarto Jan olha para ela, paralizado, febril, absolutamente perturbado.

. Das Dor sustenta seu olhar, tranquila e segura. Ela leva a mão ao roupão e abre-o, expondo o corpo nu.

. Jan, respirando pesadamente, agindo como um monstro, agarra-a pelo pescoço e a tomba no chão.

. Close de Das Dor que olha para ele, entregue, absolutamente passiva. Jan afrouxa os dedos em torno de seu pescoço, perplexo. Ela passa os braços em torno dele.

. Plano geral do corredor na penumbra: lá ao fundo, diante da porta do quarto Jan possui Das Dor no chão.

111. INT NOITE QUARTO

. A cama de Jan. Com muito esforço Das Dor consegue colocar sobre a cama o corpo adormecido de Jan. Ele dorme profundamente, a fisionomia tranquila.

. De pé ao lado da cama Das Dor fecha o roupão, amarra o cinto, arranja os cabelos, sempre olhando para Jan. Ela passa a mão pelo rosto dele, afastando os cabelos, ajeita-lhe as cobertas. Volta-se para sair, chama o cachorro.

DAS DOR: Vem Jipe, vem.

O cachorro sai, olhando para a cama e ela fecha a porta.

. Close da fechadura: Das Dor se afasta pelo corredor, o cachorro ao lado. Ao fim do corredor ela para, olha para a porta do quarto e apaga a luz.

112. INT DIA CORREDOR DO HOSPITAL

. Das Dor vem correndo pelo corredor. O médico a espera na porta da enfermaria, o delegado e o inspetor ao lado. Das Dor entre, os policiais vão entrar também, mas o médico os detém com a mão. Eles protestam, mas se afastam e ficam olhando, o médico fecha a porta de

vidro. A zoom fecha acompanhando Das Dor que avança entre as camas até a cama de Penha. Deitada ela estende os braços para Das Dor, as duas se abraçam, Das Dor se senta ao lado da cama, segurando a mão da irmã. Penha começa a falar, nervosa, gesticulando, chorando pelo meio da narração. Das Dor ouve imóvel. Num determinado momento Das Dor volta a cabeça e olha na direção dos policiais, baixa a cabeça, Penha chora convulsivamente com o rosto pousado de lado no travesseiro. Das Dor olha para ela. Num gesto lento e quase solene ela leva a mão ao pescoço, desata a correntinha e coloca-a no pescoço de Penha. O médico se curva sobre a doente e aplica-lhe um injeção na veia. Das Dor se levanta, olha a irmã mais um instante, olha na direção da porta e avança, a zoom abrindo até que ela sai da porta, fecha-a atrás de si. Os dois policiais se aproximam dela, um de cada lado, Das Dor olha duramente para os dois.

113. INT DIA CORREDOR

. A porta do quarto de Jan. Jipe arranha o chão e farrreja a soleira, querendo entrar. A porta se abre, Jan sai de cuecas, os cabelos desfeitos, a barba por fazer, perturbado, trôpego. Ele para e olha o cachorro estranhamente, caminha pelo corredor, para à porta do estúdio, entra.

114. INT DIA ESTÚDIO

. Parado à porta Jan olha o estúdio, os braços pendidos, abobalhado. Trôpegamente ele avança. Caminha ao longo

das estantes, passando a mão pelas lombadas dos livros, derrubando os objetos que estão diante deles. De repente ele para numa das prateleiras, olhando a mesma foto dele e Isabel no jardim. Num gesto súbito passa a mão pela prateleira jogando ao chão todos os livros e objetos. A fúria toma conta dele, ele derruba mais livros, avança até a mesa, para diante dela e olha.

. Os frascos, o microscópio, as coleções de lâminas, todas as suas anotações. Num só gesto ele passa o braço pela mesa e derruba tudo.

. Os vidros se partem no chão, Jipe late, assustado.

. Parado no centro do estúdio Jan olha à volta, parvo, geme surdamente, leva as mãos ao rosto, nervosamente caminha para fora.

. Close: seu pé pisa um enorme caco de vidro, pontegudo.

. Jan grita de dor, apóia-se na mesa, levanta o pé e arranca o caco sujo de sangue, atira-o longe, olha o sangue na mão, limpa-o na perna e sai mancando, o cachorro atrás. Jan geme à medida que caminha.

115. INT DIA QUARTO

. Jan cai deitado na cama, gemendo não apenas pela dor, mas pelo estado de perturbação em que está. Cai quase imediatamente num estado de torpor.

116. EXT DIA RUA

. O carro da polícia avança, sirene ligada pelas ruas da cidade. As pessoas da rua voltam a cabeça para olhar.

117. INT DIA QUARTO

: Jan em seu torpor, se agita, mexendo o corpo. Volta a descansar. Agita-se novamente, abre os olhos e olha. Os pés da cama: Jipe está lambendo o pé machucado de Jan. Ele encolhe a perna, o cachorro levanta o focinho sujo de sangue.

. Jan se encolhe repugnado, grita, se descontrola totalmente, furioso. Apanha o pêso de papel da mesa de cabeceira e lança-se sobre o cachorro. Bate-lhe na cabeça. Jipe solta um ganido, e cai por trás da cama. Jan se abaixa sobre ele. Só se ouvem os ganidos do cão à medida que Jan o espanca fortemente, segurando o pêso de papel com ambas as mãos, a cada golpe mais sujo de sangue. O cachorro cala, mas Jan continua golpeando coberto de sangue. Finalmente, o ritmo de seus golpes vai diminuindo, ele para. Põe-se de pé, subitamente, como se despertasse e tomasse consciência. A câmera se aproxima rapidamente de seu rosto, ele olha o sangue nos braços, nas mãos, deixa cair o pêso de papel e olha fixamente para frente. Toda e qualquer expressão desaparece de seu rosto. Ele se torna absolutamente apático como se sua alma o tivesse abandonado.

. Das Dor surge apressada na porta do quarto, para, olha e vê. Sua reação é ficar estática, muda e imóvel. Os passos dos policiais se aproximam pelo corredor. Ela sai de sua imobilidade, volta-se rapidamente, sai, fechando a porta.

118. INT DIA BANHEIRO

. Jan, absolutamente apático e sem expressão, sentado na banheira cheia de uma água vermelha e grossa de sangue, Das Dor o lava com uma esponja cuidadosa e carinhosa. Ele não reage a nada. Panorâmica para a porta: pela fresta entreaberta vê-se dois policiais a certa distância e o inspetor Almeida que caminha de um lado para outro aparecendo e sumindo. As pernas de Jan e D de Das Dor passam em primeiro plano, cortando a imagem.

119. EXT DIA RUA

. A fachada da casa. Um carro de prêso estacionado junto à calçada. Uma pequena multidão aglomerada, espera. Da porta saem os policiais ladeando Jan, limpo, vestido e penteado, caminhando como um boneco, absolutamente passivo entre eles. A zoom fecha sobre a porta, onde Das Dor olha para fora. Ela não espera o carro partir e fecha a porta.

120. INT DIA BANHEIRO

. Com gestos rápidos e práticos, firme como sempre, Das Dor enfia a mão na água cheia de sangue da banheira, retira a tampa e recolhe uma a uma as peças de roupa espalhadas pelo chão.

. A água escorre formando um redemoinho.

121. INT DIA ESTÚDIO

. Com gestos rápidos e práticos, Das Dor varre o chão recolhendo os cacos numa pá.

122. INT DIA BANHEIRO

. A água cheia de sangue escorre formando um redemoinho.

123. INT DIA ESTÚDIO

. Com gestos rápidos e práticos Das Dor termina de arranjar os livros nas estantes.

124. INT DIA BANHEIRO

. A água cheia de sangue escorre, formando um redemoinho.

125. INT DIA SALA

. Parada ao lado da poltrona de Jan, Das Dor, com um cêsto no braço, alisa o encosto e num gesto calmo e saboreado, senta-se na cadeira, abre o cêsto, retira uma camisa e começa a serzir, atenta. A câmara recua, para mostrá-la isolada na sala, absolutamente limpa e arrumada, à espera de seu dono.

126. INT DIA BANHEIRO

. No ralo da banheira as últimas gotas de água cheia de sangue se escoam.

F I M

PERSONAGENS

Dr. Jan Roscinski

Das Dor

Isabel

Rupert

Tobias

Penha

Almeida

Delegado

Mulher 1

Mulher 2

Agougueiro

Turíbio

Tibúrcio

Mulher de Tibúrcio

Leonicinha (a filha)

Médico

Enfermeira

Paulinho

Velho 1

Velho 2

Velho 3

Velho do guichê

Cordeira da farmácia

Garota da farmácia

Homenzinho de óculos

Carteiro

Dois soldados

Velha do sonho

Jan menino

Jipe, um cachorro alano

Cão policial da velha do sonho (lôbo)

Abelhas

Povo da cidade

Pescadores

Locação

Pequena cidade do litoral de aspecto provinciano e abandonado.